

Aula 01 – Compreensão e Interpretação de Textos.

Língua Portuguesa p/ TRTs Brasil

Prof. José Maria C. Torres

Sumário

SUMÁRIO	2
COMO INTERPRETAR TEXTOS?	4
IDENTIFIQUE O TEMA PRINCIPAL.	5
IDENTIFIQUE O OBJETIVO PRINCIPAL.	7
IDENTIFIQUE AS INFORMAÇÕES EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS.....	11
CONVERTA A LINGUAGEM CONOTATIVA EM DENOTATIVA.	12
IDENTIFIQUE OS RECURSOS E AS ESTRATÉGIAS EMPREGADOS.....	14
TENTE PARAFRASEAR O TEXTO DE FORMA RESUMIDA.....	18
TOME CUIDADO COM OS DISTRATORES!	20
QUESTÕES COMENTADAS PELO PROFESSOR.....	26
LISTA DE QUESTÕES.....	60
GABARITO	82
RESUMO DIRECIONADO	83

Olá, meus amigos!

Prontos para mais uma aula?

Moçada, é chegada a hora de enfrentarmos a interpretação de textos. Com certeza, esta aula não tem a pretensão de, num passe de mágica, tornar você apto a destrinchar qualquer leitura. Não é assim que funciona! Interpretar é uma habilidade e, como tal, para ser aprimorada, requer treinamento constante. O que pretendo fazer neste material é dar um norte para a análise textual bem-sucedida, trabalhando algumas técnicas e dicas que julgo pertinentes! Trata-se de um assunto que não morre somente em uma aula! Muitos exercícios são necessários.

Galera, é fazer, refazer, acertar, errar, corrigir. Sempre!

Vamos para a luta?

Mais uma vez, disponibilizo meus perfis de redes sociais.

Fiquem à vontade para me contatar, ok?



[@professorjosemaria](https://www.instagram.com/@professorjosemaria)



t.me/professorjosemaria



[/professorjosemaria](https://www.youtube.com/professorjosemaria)

Uma excelente aula a todos! Bom proveito!

Como compreender e interpretar textos?

Não há hoje uma prova de Língua Portuguesa que não priorize Interpretação de Textos. Não há! Todas, mas todas mesmo, abordam exaustivamente a capacidade de o aluno ler e interpretar textos de diversos tipos e gêneros.

Isso é decorrência de uma guinada no foco de estudo da língua. Não se prioriza tanto nas provas atuais a Gramática Normativa no seu estado puro, descontextualizado. O centro das discussões passa a ser o discurso, as relações de sentido, os recursos expressivos. A Língua Portuguesa, portanto, tem como palco o texto! Tudo sai de lá! Inclusive as questões de Gramática! Isso demanda de nós o desenvolvimento das habilidades voltadas para leitura e interpretação.

Ok, professor! Mas como se estuda esse troço? Existe algum livro bom para aprender a interpretar? Moçada, não é bem assim! Faço uma analogia com aprender a cobrar faltas. *Como assim?* Posso eu dar aquela aula show explicando tintim por tintim a teoria acerca da cobrança de faltas: a forma de chutar, a curva da bola, a direção do vento, etc. Posso passar os mais variados vídeos de grandes golaços de falta, apresentar depoimentos de grandes cobradores, etc. Isso de nada vai adiantar se você não praticar. Uma hora ou outra, vai ser necessário você pegar a bola, pô-la no gramado e experimentar os primeiros chutes. No começo a bola vai bater na barreira ou passar longe do gol. Depois, com mais treino e insistência, você começará a acertar o direcionamento do chute. E depois de um tempo, os primeiros gols e golaços.

Da mesma forma é a Interpretação. Só se desenvolve essa habilidade praticando. É preciso ler variados tipos de texto – dos textos jornalísticos às charges e tirinhas; da prosa à poesia; do objetivo ao subjetivo. Claro que o conhecimento de certas técnicas e conceitos há de ajudá-lo a desenvolver essa habilidade. É isso que irei apresentar nesta aula! Vamos trazer exemplos variados, sempre frisando a forma de abordar o texto, quais elementos devemos checar, que pistas podemos no texto explorar.

Nos tópicos a seguir, vamos responder à seguinte pergunta:

O que é preciso para se compreender e interpretar adequadamente textos?

Identifique o TEMA PRINCIPAL.

Após a leitura do texto, é essencial que saibamos identificar do que o texto trata, ou seja, qual o assunto nele tratado, qual o tema.

Quanto mais delimitado o tema, diga-se de passagem, melhor! *Como assim?* Muitas vezes o aluno afirma: *Ah, o tema do texto é 'mulher'!* Mas "mulher" é muito amplo! Tente delimitar, ou seja, pôr limites. O aluno afirma: *Ah, entendi! O tema do texto é "A mulher na política".* Legal! Melhorou! Mas podemos delimitar ainda mais. Tente novamente! O aluno, então, afirma: *Ah, o tema do texto é "A discreta representatividade da mulher na política".* Pronto! Agora ficou legal! Bem delimitado.

Vamos trabalhar essa habilidade com dois textos. No primeiro, acredito que você consiga numa boa identificar sua temática. Já no segundo, por se tratar de um texto de caráter literário, acredito que haja mais dificuldades. Vejamos:

A eterna juventude

Conforme a lenda, haveria em algum lugar a Fonte da Juventude, cujas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem delas bebesse. A tal fonte nunca foi encontrada, mas os homens estão dando um jeito de promover a expansão dos anos de "juventude" para limites jamais vistos. A adolescência começa mais cedo - veja-se o comportamento de "mocinhos" e "mocinhas" de dez ou onze anos - e promete não terminar nunca. Num comercial de TV, uma vovó fala com desenvoltura a gíria de um surfista. As academias e as clínicas de cirurgia plástica nunca fizeram tanto sucesso. Muitos velhos fazem questão de se proclamar jovens, e uma tintura de cabelo é indicada aos homens encanecidos como um meio de fazer voltar a "cor natural".

Esse obsessivo culto da juventude não se explica por uma razão única, mas tem nas leis do mercado um sólido esteio. Tornou-se um produto rentável, que se multiplica incalculavelmente e vai da moda à indústria química, dos hábitos de consumo à cultura de entretenimento, dos salões de beleza à lipoaspiração, das editoras às farmácias. Resulta daí uma espécie de código comportamental, uma ética subliminar, um jeito novo de viver. O mercado, sempre oportunista, torna-se extraordinariamente amplo, quando os consumidores das mais diferentes idades são abrangidos pelo denominador comum do "ser jovem". A juventude não é mais uma fase da vida: é um tempo que se imagina poder prolongar indefinidamente.

São várias as consequências dessa idolatria: a decantada "experiência dos mais velhos" vai para o baú de inutilidades, os que se recusam a aderir ao padrão triunfante da mocidade são estigmatizados e excluídos, a velhice se torna sinônimo de improdutividade e objeto de caricatura. Prefere-se a máscara grotesca do botox às rugas que os anos trouxeram, o motociclista sessentão se faz passar por jovem, metido no capacete espetacular e na roupa de couro com tachas de metal.

É natural que se tenha medo de envelhecer, de adoecer, de definhar, de morrer. Mas não é natural que reajamos à lei da natureza com tamanha carga de artifícios. Diziam os antigos gregos que uma forma sábia de vida está na permanente preparação para a morte, pois só assim se valoriza de fato o presente que se vive. Pode-se perguntar se, vivendo nesta ilusão da eterna juventude, os homens não estão se esquecendo de experimentar a plenitude própria de cada momento de sua existência, a dinâmica natural de sua vida interior.

Viu, que história é essa? Está tentando pular etapas? Volte e leia tudo, não podemos ter preguiça não! Moçada, é sério, a preguiça mata qualquer possibilidade de sucesso em questões de interpretação, principalmente de concursos. Não podemos ser reféns dela não, ok?

Pronto, agora que você leu tudo, vamos discutir de forma bem objetiva. Se fosse para citar o tema principal desse texto, o que você me diria?

Vamos lá...

O texto em questão, intitulado "A eterna juventude" (*Já é uma pista!*), fala sobre muitas coisas. Por exemplo, faz-se, no 1º parágrafo, referência à lenda da Fonte da Eterna Juventude. No 2º parágrafo, fala-se da indústria da beleza, e como esta consegue tirar bastante proveito (lucro) do culto obsessivo pela juventude (*Opa, tá ficando quente!*). O 3º parágrafo assume uma postura mais crítica no que se refere ao artificialismo daqueles que tentam imitar os mais jovens. No 4º parágrafo, fala-se do medo de envelhecer, como motivador para a manutenção de uma aparência jovem.

Essas informações que listamos estão a serviço de um tema mais abrangente. Como podemos defini-lo? Vamos sintetizar da seguinte maneira: **O CULTO OBSESSIVO DA JUVENTUDE.**

Definimos, assim, o norte do texto. As informações que foram nele mencionadas parágrafo a parágrafo são meros desdobramentos desse tema central, portanto. A menção à lenda da Fonte da Juventude, por exemplo, é apenas um ensejo (motivador) para a tratativa do tema; a referência à indústria da beleza é para evidenciar uma consequência desse culto exagerado da juventude; a crítica ao artificialismo da juventude é um juízo de valor emitido pelo autor; por fim, o medo de envelhecer é apresentado como uma das causas para a juventude ser tão cultuada.

Veja só, todas as informações giram em torno do tema central. Moçada, o que fica claro? Para dar o pontapé no entendimento do texto, precisamos entender do que ele fala, ou melhor, precisamos identificar o seu norte, o seu **TEMA PRINCIPAL**. Não podemos perder esse norte, sob pena de chegarmos a conclusões precipitadas.

Você já iniciou uma conversa entre amigos e aquele assunto inicial foi se perdendo ao longo do caminho? Quando você percebeu, estavam falando de coisas completamente diferentes do assunto inicial da conversa. Pois é, na leitura do texto, não podemos perder o norte da conversa. Vamos identificando as informações e constatando: essa está dentro dessa, que está dentro dessa, que está dentro daquela.

Identifique o OBJETIVO PRINCIPAL.

Depois de identificar a temática principal do texto – *já sabemos sobre o que ele fala* -, precisamos entender qual o propósito, qual o objetivo, qual a intenção do autor do texto. A resposta a essa pergunta, muitas vezes, é um verbo. Como assim, professor? Você responde: "O objetivo do texto é informar..." ou "O objetivo do texto é alertar..." ou "O objetivo do texto é criticar...", etc.

Um cuidado especial deve ser tomado aqui. Muitas vezes, o texto traz informações secundárias que podem confundir o leitor. Por exemplo, o texto conta uma longa história, dando a entender que o objetivo do texto é narrar! Mas, na verdade, a narrativa serve apenas de pano de fundo para uma crítica.

Eis um exemplo bem bobo, mas que explica, de forma didática, a diferença entre as informações secundárias e a informação principal, que consiste na mensagem principal, aquela que resume o texto! Vejamos:

(EQI 2018)

A alienação

Em meus anos moços, fui caixa de banco. Recordo, entre os clientes, um fabricante de camisas. O gerente do banco renovava suas promissórias só por piedade. O pobre camiseiro vivia em perpétua soçobra. Suas camisas não eram ruins, mas ninguém as comprava. Certa noite, o camiseiro foi visitado por um anjo. Ao amanhecer, quando despertou, estava iluminado. Levantou-se de um salto. A primeira coisa que fez foi trocar o nome de sua empresa, que passou a se chamar Uruguai Sociedade Anônima, patriótico nome cuja sigla é U. S. A. A segunda coisa que fez foi pregar nos colarinhos de suas camisas uma etiqueta que dizia, e não mentia: Made in U. S. A. A terceira coisa que fez foi vender camisas feito louco. E a quarta coisa que fez foi pagar o que devia e ganhar muito dinheiro.

Podemos inferir que o objetivo principal da crônica acima é:

- a) Criticar o comportamento de uma minoria da sociedade que se seduz facilmente pela cultura americana.
- b) Ironizar o comportamento da sociedade, muito suscetível a modismos.
- c) Elogiar a criatividade do pequeno empreendedor, que consegue, com muito esforço, ser bem-sucedido em seus negócios.
- d) Criticar marcas que, de forma mentirosa, estampam "Made in U.S.A" em suas grifes.
- e) Promover o empreendimento U.S.A. (Uruguai Sociedade Anônima) como exemplo de criatividade e sucesso nos negócios.

RESOLUÇÃO

Professor, de cara, fiquei com uma dúvida! O que significa "EQI – 2018"? Galera, "EQI" significa "Eu Que Inventei"! Rs. Vocês, eu conheço bem, vão resolver todas as questões do mundo e, de vez em quando, precisam de questões novas, não é mesmo?

Brincadeiras à parte, vamos analisar o texto.

Observe que se trata de uma narrativa. Nela, conta-se a história de um camiseiro, que vivia numa situação financeira difícil. Suas camisas eram muito boas, mas poucas eram vendidas. Até que um anjo surgiu num sonho e

deu a brilhante ideia de mudar o nome da empresa para “Uruguai Sociedade Anônima (USA)”. No que o camiseiro estampou nas camisas a etiqueta “Made in USA.”, passou a vender camisas feito água.

Ora, essa história, como você percebeu, é só um pano de fundo. O objetivo principal é criticar a postura da sociedade.

Analisemos as alternativas:

Letra A – ERRADO – De fato, o texto critica o comportamento da sociedade que se deixa seduzir pelos modismos. Observemos que as camisas eram de boa qualidade, mas, como não carregavam uma marca forte, quase ninguém as comprava. Bastou se empregar a etiqueta “Made in U.S.A.”, numa referência bem-humorada a “Fabricado nos EUA”, que rapidamente os produtos encontraram compradores.

O que torna o item errado é um pequeno detalhe. Diz o item que se trata de um comportamento da minoria, o que não é verdade. Essa influência por modismos atinge é a maioria da sociedade, e não uma pequena amostra.

Letra B – CERTO – O verbo “ironizar” quer dizer “fazer pouco caso”, “criticar”, “desdenhar”. O autor do texto, ao fazer uso da narrativa como pano de fundo, critica o comportamento da sociedade que privilegia não a qualidade, mas as marcas, as famas, o “status”.

Letra C – ERRADO – Embora tenha sido criativa a ideia do camiseiro, não é isso o objetivo principal da crônica. A narrativa é apenas um pretexto, um pano de fundo, para se tratar de algo mais amplo, a saber: a influência de grande parte da sociedade por modismos.

Letra D – ERRADO – Como dito antes, a narrativa lida é apenas um pano de fundo para uma discussão bem mais ampla. Além disso, a crítica não é direcionada às empresas, e sim à sociedade.

Letra E – ERRADO - Como dito antes, a narrativa lida é apenas um pano de fundo para uma discussão bem mais ampla. Além disso, o texto tem por finalidade não promover, e sim criticar.

Resposta: Letra B

Identificar o objetivo principal do texto é essencial, principalmente quando se trata de textos longos. Ora, para que vocês não se percam no emaranhado de informações, **QUESTIONEM SEMPRE AO FINAL DO TEXTO QUAL A TEMÁTICA E QUAL O OBJETIVO PRINCIPAL DO TEXTO**. Esses simples questionamentos dão um norte, ajudando na identificação da coluna dorsal do texto, ou seja, seu ponto de sustentação. A partir dessa identificação, torna-se mais fácil responder as diversas questões sobre interpretação de texto.

Peço paciência a vocês para lerem o texto a seguir:

Texto

Com um pouco de exagero, costumo dizer que todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática e estratégia, sem falar no principal, que é o talento e a habilidade dos jogadores. Apesar disso, não consegue eliminar o azar, isto é, o acaso.

E já que falamos em acaso, vale lembrar que, em francês, “acaso” escreve-se “hasard”, como no célebre verso de Mallarmé, que diz: “um lance de dados jamais eliminará o acaso”. Ele está, no fundo, referindo-se ao fazer do poema que, em que pese a mestria e lucidez do poeta, está ainda assim sujeito ao azar, ou seja, ao acaso.

Se no poema é assim, imagina numa partida de futebol, que envolve 22 jogadores se movendo num campo de amplas dimensões. Se é verdade que eles jogam conforme esquemas de marcação e ataque, seguindo a orientação do técnico, deve-se, no entanto, levar em conta que cada jogador tem sua percepção da jogada e decide deslocar-se nesta ou naquela direção, ou manter-se parado, certo de que a bola chegará a seus pés. Nada disso se pode prever, daí resultando um alto índice de probabilidades, ou seja, de ocorrências imprevisíveis e que, portanto, escapam ao controle.

Tomemos, como exemplo, um lance que quase sempre implica perigo de gol: o tiro de canto. Não é à toa que, quando se cria essa situação, os jogadores da defesa se afligem em anular as possibilidades que têm os adversários de fazerem o gol. Sentem-se ao sabor do acaso, da imprevisibilidade. O time adversário desloca para a área do que sofre o tiro de canto seus jogadores mais altos e, por isso mesmo, treinados para cabecear para dentro do gol. Isto reduz o grau de imprevisibilidade por aumentar as possibilidades do time atacante de aproveitar em seu favor o tiro de canto e fazer o gol. Nessa mesma medida, crescem, para a defesa, as dificuldades de evitar o pior. Mas nada disso consegue eliminar o acaso, uma vez que o batedor do escanteio, por mais exímio que seja, não pode com precisão absoluta lançar a bola na cabeça de determinado jogador. Além do mais, a inquietação ali na área é grande, todos os jogadores se movimentam, uns tentando escapar à marcação, outros procurando marcá-los. Essa movimentação, multiplicada pelo número de jogadores que se movem, aumenta fantasticamente o grau de imprevisibilidade do que ocorrerá quando a bola for lançada. A que altura chegará ali? Qual jogador estará, naquele instante, em posição propícia para cabeceá-la, seja para dentro do gol, seja para longe dele? Não existe treinamento tático, posição privilegiada, nada que torne previsível o desfecho do tiro de canto. A bola pode cair ao alcance deste ou daquele jogador e, dependendo da sorte, será gol ou não.

Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto do acaso, mas a verdade é que, sem um pouco de sorte, neste campo, como em outros, não se vai muito longe; jogadores, técnicos e torcedores sabem disso, tanto que todos querem se livrar do chamado “pé frio”. Como não pretendo passar por supersticioso, evito aderir abertamente a essa tese, mas quando vejo, durante uma partida, meu time perder “gols feitos”, nasce-me o desagradável temor de que aquele não é um bom dia para nós e de que a derrota é certa.

Que eu, mero torcedor, pense assim, é compreensível, mas que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais de santo e pagam promessas a lemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais de santo; são as forças do acaso.

Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; tanto isso é certo que, hoje, entre os preparadores das equipes há sempre um psicólogo. De fato, se o jogador não estiver psicologicamente preparado para vencer, não dará o melhor de si.

Exemplifico essa crença na psicologia com a história de um técnico inglês que, num jogo decisivo da Copa da Europa, teve um de seus jogadores machucado. Não era um craque, mas sua perda desfalcava o time. O médico da equipe, depois de atender o jogador, disse ao técnico: “Ele já voltou a si do desmaio, mas não sabe quem é”. E o técnico: “Ótimo! Diga que ele é o Pelé e que volte para o campo imediatamente”.

(Ferreira Gullar. Jogos de azar. Em: Folha de S. Paulo, 24/06/2007.)

O autor defende a tese de que

- a) os técnicos de futebol são supersticiosos.
- b) o fator psicológico atua sobre os jogadores.
- c) o tiro de canto é uma jogada que aflige os jogadores do time que o sofre.
- d) o jogo de futebol está sujeito ao acaso, apesar da preparação dos jogadores.
- e) os resultados dos jogos de futebol são somente fruto do acaso.

RESOLUÇÃO

Analisando o texto, conseguimos identificar a temática do acaso. Como já vimos, é muito importante fazer boa delimitação. Quanto mais delimitado o tema, mais facilmente identificaremos seu propósito. Notemos que a temática do acaso se limita aos jogos, em especial aos jogos de futebol.

Toda a exposição de exemplos de lances numa partida de futebol e a descrição dos técnicos de futebol como supersticiosos deixam em evidência o objetivo central do texto: o acaso é fator decisivo numa partida de futebol, suplantando, em muitas situações, até mesmo, o preparo técnico e psicológico dos jogadores.

Analisemos cada uma das opções:

Letra A – ERRADO – Trata-se de um fato, e não uma opinião, serem muitos técnicos supersticiosos. Lembremos de que uma tese (opinião) está sujeita a contrapontos, diferentemente do fato. O autor não precisou argumentar para provar que muitos técnicos são assim. Bastou apenas descrevê-los como tais. Além disso, a superstição dos técnicos não é propriamente a tese, mas sim uma consequência advinda do fator de aleatoriedade presente nos jogos de futebol.

Letra B – ERRADO – Mais uma vez, não se trata de uma tese (opinião), mas de um fato. No trecho “Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte”, o emprego da expressão “como se sabe” atesta o caráter de fato.

Letra C – ERRADO – Trata-se apenas de um exemplo, que serve para a ilustrar a tese de que o acaso atua significativamente numa partida de futebol.

Letra D – CERTO – Como dito no texto, em certas situações, mesmo um time preparado tecnicamente e taticamente pode ser surpreendido pelo acaso.

Letra E – ERRADO – O autor não considera o acaso o único fator determinante de um resultado. Isso fica bem claro no seguinte trecho: Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto do acaso. O que o autor defende é a impossibilidade de eliminar o acaso das partidas de futebol, por mais que haja preparo técnico e tático.

Resposta: Letra D

Identifique as INFORMAÇÕES EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS

O maior desafio da análise textual está na identificação das informações presentes no texto. Não apenas as explícitas, mas principalmente as implícitas. Veja bem, não são informações invisíveis, ok? De jeito nenhum! São informações implícitas, escondidas, mas que podem ser identificadas a partir de algumas pistas deixadas no texto. Como assim, professor?

Observe a seguinte frase:

Fiz faculdade, mas aprendi alguma coisa.

Professor, mas que frase esquisita! Estranha!

De fato, o emprego da conjunção adversativa nos gera uma sensação de estranheza, levando-nos num primeiro impulso a concluir que a frase não tem coerência. Mas calma! Analisemos com mais atenção, por favor!

Primeiramente, identifiquemos as informações explícitas, ou seja, aquelas que estão visíveis. Nessa etapa, não é preciso interpretar, mas apenas ler o que lá no texto está escrito. Há duas informações que já podemos extrair: a primeira é que “Eu fiz faculdade.”; a segunda é que “Eu aprendi alguma coisa.”

Agora vamos em busca dos implícitos, ok? O que no texto vai nos fornecer a pista, o rastro, para que sejamos capazes de “descortinar” a informação implícita? Ora, investiguemos justamente a conjunção “mas”, que tanto nos causou estranheza! Sabemos que o “mas” é adversativo. O que isso significa? Que esse conector estabelece uma relação de oposição entre as ideias que ele conecta. Isso significa que o autor da frase opõe “fazer faculdade” a “aprender algo”. É como se esses dois fatos não combinassem.

Será que já somos capazes de decifrar o implícito?

Faz sentido atestar que essa frase é uma crítica velada (implícita) ao ensino superior? Seria coerente afirmar que, segundo o autor, não se aprende muito nas faculdades? Que seria algo tão atípico (incomum) que ele, por ter feito faculdade e aprendido algo, é uma exceção à regra?

Sim, são as respostas!

A essa habilidade de identificar implícitos, que considero o pilar de sustentação da interpretação, damos o nome de **INFERÊNCIA** ou **DEPREENSÃO**.

INFERIR OU DEPREENDER é deduzir a partir dos implícitos.

Vamos praticar? Veja o exercício a seguir:

QUESTÃO - Analise as frases extraídas de anúncios e assinale a opção cuja inferência é válida:

a) Revista XYZ: uma revista tão boa que as notícias nem precisam ser ruins.”

Inferência: O leitor lê a revista XYZ porque a revista não traz notícias ruins.

b) “Não acredito que você errou essa questão, Fulano!”

Inferência: A questão que Fulano errou era difícil.

c) "Ele era um garoto ajuizado, apesar de jovem."

Inferência: O autor da frase alega que o jovem geralmente não tem juízo.

d) "Ele foi o único aluno que acertou a questão difícil da prova."

Inferência: Grande parte dos alunos acertaram a questão difícil da prova.

e) "Não resolvemos as questões que eram difíceis."

Inferência: Não havia questões de nível fácil ou mediano na prova.

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADO – O anúncio dá a entender que o público geralmente considera boas as revistas que trazem notícias ruins – desastres, denúncias, sofrimento, etc. No caso da revista XYZ, ela apresenta tantas outras qualidades, que não precisa trazer notícias ruins. Sendo assim, o leitor lê a revista XYZ, porque ela apresenta outras qualidades.

Letra B – ERRADO – Não necessariamente a questão que Fulano errou era difícil. Simplesmente se esperava que Fulano acertasse a questão, ou por ser fácil ou por ser difícil. O fato é que se julgava Fulano como apto a acertá-la, o que não ocorreu.

Letra C – CERTO – Pode não ter sido a intenção, mas foi isso que o autor da frase disse. Ao estabelecer a relação de sentido pelo conector "apesar de", dá a entender que não é comum um jovem ser ajuizado, pois "ser ajuizado" e "jovem" são contrastantes.

Letra D – ERRADO – Ora, se ele foi o único, logo somente ele acertou, e não grande parte da turma.

Letra E – ERRADO – Observe que a oração "que eram difíceis" é adjetiva restritiva, dando a entender que nem todas as questões da prova eram difíceis, apenas algumas. Sendo assim, é possível afirmar que algumas questões ou eram fáceis ou eram medianas.

Resposta: Letra C

Converta a LINGUAGEM CONOTATIVA EM DENOTATIVA.

Muitas vezes, o texto não diz de forma direta o que quer dizer!

Expressar-se de forma direta é empregar uma linguagem predominantemente denotativa. E o que seria a denotação? Trata-se do sentido literal, ou seja, o sentido dicionário dos termos e expressões.

Mas imagine se a todo momento nos expressássemos de forma literal? O mundo seria muito chato, não concorda? Por isso, costumamos empregar uma linguagem, muitas vezes, conotativa. E o que seria a conotação? Trata-se do sentido figurado, ou seja, o sentido que vai além do literal.

Não é difícil perceber o emprego da linguagem conotativa. Quando você me diz que "está morrendo de estudar", é claro que não posso imaginar que o estudo esteja levando você a um risco de óbito! Devo entender aí um sentido figurado, atestando que você está estudando muito, certo?

Vamos a um exemplo mais elaborado. Leia o seguinte fragmento e me diga o que exatamente você entendeu, ok?

Se você quer construir um navio, não peça às pessoas que consigam madeira, não dê a elas tarefas e trabalhos. Fale, antes, a elas, longamente, sobre a grandeza e a imensidão do mar. (Saint-Exupéry)

Vem cá, a menção ao navio, à madeira, ao mar, pode ser levada ao pé da letra? É isso mesmo? Será que o ditado acima reproduzido não nos quer dizer algo a mais? Olhe bem, para que falar sobre a grandeza e imensidão do mar? E longamente. Qual o propósito? Professor, eu penso que, se a pessoa se conscientiza do desafio que é navegar por um mar imenso e misterioso, ela se sente bem mais motivada e inspirada a construir suas embarcações. Seria isso? Vamos mais a fundo e resuma com uma única palavra o que esse ditado quer nos dizer. Deixe-me ajudá-lo. A palavra que buscamos é ... **MOTIVAÇÃO**.

Vamos traduzir da linguagem conotativa para a denotativa? Fica assim: ***primeiro devemos motivar as pessoas para o trabalho, e não simplesmente passar tarefas sem um propósito bem claro para quem vai as executar.***

Uma maneira excelente de se treinar a habilidade de conversão da linguagem conotativa em denotativa é traduzir alguns dos ditados populares, alguns mais conhecidos, outros nem tanto.

Vejamos:

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

= A persistência leva à superação dos obstáculos.

Antes de se matar a onça não se faz negócio com o couro.

= O indivíduo não deve tomar decisões baseadas na pressuposição daquilo que ainda não ocorreu.

Vamos ver mais um exemplo?

"E agora, José?"

Há versos célebres que se transmitem através das idades do homem, como roteiros, bandeiras, cartas de marear, sinais de trânsito, bússolas – ou segredos. Este, que veio ao mundo muito depois de mim, pelas mãos de Carlos Drummond de Andrade, acompanha-me desde que nasci, (...)

Considero privilégio meu dispor deste verso, porque me chamo José e muitas vezes na vida me tenho interrogado: "E agora?" Foram aquelas horas em que o mundo escureceu, em que o desânimo se fez muralha, fosso de víboras, em que as mãos ficaram vazias e atônitas. "E agora, José?" Grande, porém, é o poder da poesia para que aconteça, como juro que acontece, que esta pergunta simples aja como um tônico, um golpe de espora, e não seja, como poderia ser, tentação, o começo da interminável ladainha que é a piedade por nós próprios.

Em todo o caso, há situações de tal modo absurdas (ou que o pareceriam vinte e quatro horas antes), que não se pode censurar a ninguém um instante de desconforto total, um segundo em que tudo dentro de nós pede socorro, ainda que saibamos que logo a seguir a mola pisada, violentada, se vai distender vibrante e verticalmente armar. Nesse momento veloz tocara-se o fundo do poço.

SARAMAGO, José. In: _____. A bagagem do viajante. São Paulo: Companhia das Letras

COMENTÁRIOS

O autor usa uma linguagem figurada carregada de significados. A “mola pisada, violentada” faz menção a situações de desalento, desesperança, que, no entanto, são passageiras. Tanto o são que, passados os momentos de tensão, “a mola se distende vibrante”, dando a entender que a situação de desespero cede lugar à sensação de esperança e satisfação. Resumidamente, faz-se menção ao caráter passageiro das adversidades. A expressão “Em todo o caso” relativiza (atenua) o conteúdo do parágrafo anterior, ao afirmar que nem sempre a motivação será uma resposta possível a situações adversas. Há situações em que se toca o “fundo do poço”, resultando numa sensação de desconforto total. Dessa forma, nesses casos, a desesperança é praticamente inevitável.

Identifique OS RECURSOS E AS ESTRATÉGIAS empregados.

Identificado o tema e o propósito principal do texto lido, é preciso detalhar como se chegou a esse resultado, reconhecendo os recursos e as estratégias nele empregados pelo autor. Esse caminho também pode ser invertido. Como assim? Em alguns textos, é mais fácil identificar os recursos e estratégias empregados e, assim, identificar seu tema e objetivos. Fique tranquilo! Trabalharemos exemplos a seguir que ilustrarão essa técnica.

Para cada tipo de texto, assim como para cada propósito, há recursos mais ou menos pertinentes. Por exemplo, se se trata de um texto de caráter jornalístico, cujo objetivo principal é informar da forma mais clara possível, com certeza o emprego de metáforas não é nem um pouco apropriado; seria bem mais adequado o emprego da linguagem denotativa para se cumprir esse propósito. Se se trata de um texto de caráter literário, cujo objetivo é enfatizar um lirismo (sentimento), o emprego da denotação não é nem um pouco bem-vindo (costuma-se dizer que “a denotação é a morte do texto literário”); seria bem mais adequado o emprego das metáforas e outras figuras de linguagem.

Não há, contudo, um gabarito já pré-formatado. Não é possível, de antemão, apenas pela identificação do tipo de texto e do seu objetivo principal, já identificar o recurso ou estratégia empregada no texto. Lembre-se de que a criatividade humana não possui teto. Muitas vezes, entra em cena a originalidade, que dá ao texto um caráter singular ou, até mesmo, inesperado. Quer um exemplo?

Com o declínio da velha lavoura e a quase concomitante ascensão dos centros urbanos, precipitada grandemente pela vinda, em 1808, da Corte Portuguesa e depois pela Independência, os senhorios rurais principiam a perder muito de sua posição privilegiada e singular. Outras ocupações reclamam agora igual eminência, ocupações nitidamente citadinas, como a atividade política, a burocracia, as profissões liberais.

É bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, à gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição.

Não parece absurdo relacionar a tal circunstância um traço constante de nossa vida social: a posição suprema que nela detêm, de ordinário, certas qualidades de imaginação e “inteligência”, em prejuízo das manifestações do espírito prático ou positivo. O prestígio universal do “talento”, com o timbre particular que recebe essa palavra nas regiões, sobretudo, onde deixou vinco mais forte a lavoura colonial e escravocrata, como o são eminentemente as do Nordeste do Brasil, provém sem dúvida do maior decoro que parece conferir a qualquer indivíduo o simples exercício da inteligência, em contraste com as atividades que requerem algum esforço físico.

O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo, – a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais – mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara. E que para bem corresponder ao papel que, mesmo sem o saber, lhe conferimos, inteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e de ação.

Numa sociedade como a nossa, em que certas virtudes senhoriais ainda merecem largo crédito, as qualidades do espírito substituem, não raro, os títulos honoríficos, e alguns dos seus distintivos materiais, como o anel de grau e a carta de bacharel, podem equivaler a autênticos brasões de nobreza. Aliás, o exercício dessas qualidades que ocupam a inteligência sem ocupar os braços, tinha sido expressamente considerado, já em outras épocas, como pertinente aos homens nobres e livres, de onde, segundo parece, o nome de liberais dado a determinadas artes, em oposição às mecânicas que pertencem às classes servis.

(Sérgio Buarque de Holanda. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 50-51)

No texto, há predominância do tom

- a) saudosista.
- b) crítico.
- c) sarcástico.
- d) cômico.
- e) revoltado.

RESOLUÇÃO

Há no texto uma caracterização daquilo a que costumamos chamar de “inteligência”, bem como uma tentativa do autor de explicar o seu significado sob o ponto de vista da História. Segundo o texto, a súbita transição da vida rural para a urbana, com a substituição das atividades na lavoura pelas atividades ditas liberais, fez surgir um conceito de inteligência associado ao exercício de atividades que não demandassem esforço físico.

Não se tratava, portanto, de valorizar o intelecto, mas sim de distinguir aqueles praticantes de atividades braçais dos afortunados praticantes de atividades nobres.

Isso fica bem claro no seguinte trecho: *“O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo, – a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais – mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara.”*

Há, dessa forma, uma crítica à sociedade brasileira e às suas tradições. Fala-se da divisão de classes e da utilização da “inteligência” não como marca de conhecimento, mas sim como mera distinção ou titulação social.

Não manifesta o autor saudosismo (*saudade*) tampouco revolta.

Muito menos trata o assunto de forma cômica (*engraçada*).

Alguns poderiam atestar que o texto apresenta trechos irônicos, como de fato expressa. Mas seria errado afirmar que o texto é sarcástico, pois este implica um sentimento de regozijo (*prazer*) com o sofrimento ou tormento alheio, o que não é o caso.

Resposta: Letra B

IMPORTANTE!

Ser irônico é simplesmente falar uma coisa para significar outra. O texto, ao citar “inteligência” – note seu uso entre aspas –, deixa claro que não fala do seu sentido estrito, original, associado a conhecimento. Diz, portanto, uma coisa para significar outra.

Ser sarcástico é se regozijar (*se satisfazer*) com o sofrimento ou tormento alheio. É o chamado “humor negro”. No popular é “rir das desgraças”! Não é o caso do texto, cujo teor é crítico, com passagens irônicas, mas que não chegam a ser sarcásticas.

A BOA MORTE

Aparentemente ninguém deu muita bola para a proposta, feita pela comissão de juristas que revê o Código Penal, de descriminalizar certos tipos de eutanásia. Esse, entretanto, é um assunto importantíssimo e que tende a ficar cada vez mais premente, à medida que a população envelhece e a medicina amplia seu arsenal terapêutico.

Desligar as máquinas que mantêm um paciente vivo pode ser descrito como um caso de homicídio, ainda que com o objetivo nobre de evitar sofrimento, ou como uma recusa em prosseguir com tratamento fútil, o que é perfeitamente legal.

Como sempre, acho que cabe a cada qual fazer suas próprias escolhas. Mas, já que nem sempre sabemos o que é melhor, convém dar uma espiadela em como pensam aqueles que, de fato, entendem do assunto.

Num artigo que está movimentando a blogosfera sanitária e já foi reproduzido no “Wall Street Journal” e no “Guardian”, o doutor Ken Murray sustenta que, embora os médicos apliquem todo tipo de manobra heroica para prolongar a vida de seus pacientes, quando se trata de suas próprias vidas e das de seus entes queridos, eles são bem mais comedidos.

Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres. Murray diz que um de seus colegas chegou a tatuar o termo “no code” (sem ressuscitação) no próprio corpo.

A pergunta que fica, então, é: se não são sádicos, por que os médicos fazem aos outros o que não desejam para si mesmos? E a resposta de Murray é que ocorre uma perversa combinação de variáveis emocionais, econômicas, mal-entendidos linguísticos, além, é claro, da própria lógica do sistema. Em geral, para o médico é muito mais fácil e seguro apostar no tratamento, mesmo que ele se estenda para muito além do razoável.

(Hélio Schwartzman - Folha de São Paulo, 18/03/2012)

No artigo de Hélio Schwartzman, levanta-se o debate acerca da eutanásia e do impasse ético que a permeia. A principal estratégia argumentativa empregada pelo jornalista visando a destacar a necessidade de uma maior discussão sobre o problema consiste em:

- a) evidenciar a insegurança com o tema de parcela da classe médica.
- b) exemplificar um comportamento incoerente de parcela da classe médica.
- c) denunciar os interesses econômicos escusos no sistema de saúde vigente.
- d) denunciar o comportamento incoerente e sádico dos juristas favoráveis à eutanásia.
- e) criticar a intransigência de familiares de pacientes em estado terminal.

RESOLUÇÃO

A letra A está errada, pois parcela da classe médica é criticada não pela insegurança, mas pela incoerência das ações. Recomendam-se para pacientes tratamentos que os médicos não recomendariam nem para si nem para seus familiares.

A letra C está errada, pois, apesar de ser possível inferir o interesse econômico na continuidade de tratamentos ineficazes, não é este o principal argumento que norteia o texto do autor. O destaque da argumentação está no comportamento incoerente dos médicos.

A letra D está errada, pois a crítica não é dirigida aos juristas, e sim às pessoas que pouco deram atenção às propostas que visavam a descriminalizar certos tipos de eutanásia.

A letra E está errada, pois não são os familiares os alvos de crítica, e sim parcela da classe médica que recomenda a pacientes tratamentos que os próprios médicos não indicariam para si e para parentes.

Por essas razões, a resposta é a letra B.

Resposta: Letra B

Tente PARAFRASEAR o texto de forma resumida.

Depois de analisar os pontos principais envolvidos na Interpretação de Textos, é interessante que, daqui para frente, otimizemos nossa leitura, de modo a criar fluência em textos de diversos tipos e gêneros. Uma técnica interessante consiste em PARAFRASEAR de forma sucinta o texto ao final de sua leitura.

Professor, o que significa parafrasear? **Parafrasear** é reproduzir o conteúdo original empregando suas próprias palavras. Meus amigos, eu só me convenço de que entendi um texto quando eu consigo reproduzir com as minhas próprias palavras o que foi dito pelo autor.

Tente fazer isso, não na forma escrita obviamente, pois tomará muito tempo seu, mas na forma oral e mental, para você mesmo, entende? A técnica da paráfrase de forma resumida é muito eficiente, pois mostra que você foi capaz de identificar as principais informações presentes no texto.

O que necessariamente deve estar presente em seu resumo?

i) o tema principal (vide o item 1.1);

ii) a intenção principal (vide o item 1.2);

iii) os fatos, os dados ou os argumentos principais (vide o item 1.5);

iv) a conclusão, se houver

Vejamos um exemplo de como isso pode ser feito. Leia o texto a seguir, por favor! Vamos lá, moçada, sem preguiça! Está cansado? Então para um pouco e depois continua, meu amigo! Vamos lá, tenhamos persistência!

Você está conectado?

Alguns anos atrás, a palavra "conectividade" dormia em paz, em desuso, nos dicionários, lembrando vagamente algo como ligação, conexão. Agora, na era da informática e de todas as mídias, a palavra pulou para dentro da cena e ninguém mais admite viver sem estar conectado. Desconfio que seja este o paradigma dominante dos últimos e dos próximos anos, em nossa aldeia global: o primado das conexões.

No ônibus de viagem, de que me valho regularmente, sou quase uma ilha em meio às mais variadas conexões: do vizinho da direita vaza a chiadeira de um fone de ouvido bastante ineficaz; do rapazinho à esquerda chega a viva conversa que mantém há quinze minutos com a mãe, pelo celular; logo à frente um senhor desliza os dedos no laptop no colo, e se eu erguer um pouquinho os olhos dou com o vídeo – um filme de ação – que passa nos quatro monitores estrategicamente posicionados no ônibus. Celulares tocam e são atendidos regularmente, as falas se cruzam, e eu nunca mais consegui me distrair com o lento e mudo crepúsculo, na janela do ônibus.

Não senhor, não são inocentes e efêmeros hábitos modernos: a conectividade irrestrita veio para ficar e conduzir a humanidade a não sabemos qual destino. As crianças e os jovens nem conseguem imaginar um mundo que não seja movido pela fusão das mídias e surgimento de novos suportes digitais. Tanta movimentação faz crer que, enfim, os homens estreitaram de vez os laços da comunicação.

Que nada. Olhe bem para o conectado ao seu lado. Fixe-se nele sem receio, ele nem reparará que está sendo observado. Está absorto em sua conexão, no paraíso artificial onde o som e a imagem valem por si mesmos, linguagens prontas em que mergulha para uma travessia solitária. A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou. É disfarce tão eficaz que os próprios disfarçados não se reconhecem como tais. Emitimos e

cruzamos frenéticos sinais de vida por todo o planeta: seria esse, Dr. Freud, o sintoma maior de nossas carências permanentes?

(Coriolano Vidal, inédito)

Será que eu entendi corretamente o texto? Vamos conferir! Respondamos às perguntas:

i) Qual o tema principal?

Resposta: *O texto fala sobre a conectividade, palavra que adquiriu um significado mais amplo nos dias atuais, associada à comunicação irrestrita.*

ii) Qual a intenção principal do texto?

Resposta: *Evidenciar a contradição entre o fato de estarmos mais conectados do que nunca e de, mesmo assim, sentirmo-nos sós.*

iii) Quais os fatos, os dados ou os argumentos principais presentes no texto?

Resposta: *O autor cita exemplos do dia a dia, como numa viagem de ônibus, em que praticamente todos os passageiros estão fazendo uso de algum equipamento eletroeletrônico, concentrados num mundo virtual com regras e linguagens próprias.*

iv) Qual a conclusão?

Resposta: *A conectividade é um eficiente disfarce utilizado pela solidão humana.*

Eis o nosso resumo:

O texto fala sobre a conectividade, palavra que adquiriu um significado mais amplo nos dias atuais, associada à comunicação irrestrita. Sua principal intenção é evidenciar a contradição entre o fato de estarmos mais conectados do que nunca e de, mesmo assim, sentirmo-nos sós. O autor cita exemplos do dia a dia, como numa viagem de ônibus, em que praticamente todos os passageiros estão fazendo uso de algum equipamento eletroeletrônico, concentrados num mundo virtual com regras e linguagens próprias. A conectividade é, portanto, um eficiente disfarce da solidão humana.

Tome cuidado com os DISTRATORES!

Moçada, ao resolver uma questão de Interpretação de Textos, vocês já devem ter se deparado com a seguinte situação: *de cinco opções, uma já se elimina com facilidade, pois é absurda; outras duas se eliminam com um pouco mais de esforço; mas duas restam e é quase imperceptível identificar o erro presente em uma ou outra.*

"Professor, é exatamente isso que ocorre! E sabe o que é de lascar? Entre as duas que sobram, eu sempre assinalo no gabarito a errada. Já aconteceu até de marcar a correta, mas, na hora de passar para o gabarito, eu mudei de ideia e assinalei a errada. Que ódio!!!".

Calma, jovem! Essa dúvida não se dá por acaso. Ao elaborar uma questão, denominada tecnicamente de item de avaliação, as bancas examinadoras procuram inserir os chamados **distratores**. *E o que seriam esses distratores, professor?* Note que há uma correspondência com "distração", você percebeu?

Os distratores são, assim, pequenos acréscimos que tornam o item errado. Quanto mais explícitos os distratores, mais fácil fica perceber que o item está falso. São aquelas opções que já eliminamos "de primeira", pois são absurdas. No entanto, quando os distratores são muito discretos, fica difícil perceber que o item está falso e isso gera os malditos erros nas questões de que você e eu tanto temos raiva.

Um exercício muito salutar consiste em, numa questão de Interpretação, não só se convencer da validade da opção que é gabarito, mas também se convencer por que as demais não podem ser nossa resposta. Claro que, no dia da sua prova, sua análise precisa ser mais objetiva, mas, nesta fase de treinamento em que nos encontramos, considero importante "forçar" um pouco! Responder por que tal letra está correta e as demais estão falsas fará você calibrar sua atenção no sentido de identificar mais facilmente os distratores. Sua fluência na leitura e seu grau de acerto nas questões tende a subir significativamente!

Vamos ver isso na prática?

Conheço inúmeras pessoas que mentem, inventando origens fidalgas. Para falar a verdade, mente-se por qualquer motivo: as pessoas ficam com vergonha quando estão doentes e dizem que estão ótimas; comentam que a amiga está bem vestida, quando acham um horror; elogiam alguém que emagreceu, para comentar nas costas que continua gordíssima. Eu mesmo minto: digo que vou viajar para fugir de um almoço; reclamo que não me sinto bem e fujo de um compromisso; finjo para mim mesmo que no próximo mês começo um regime e perderei a barriga. Faço promessas para depois da novela. Para um amigo, prometo visitá-lo em Los Angeles. Outro em San Francisco. Marquei uma viagem à Rússia com um grupo, só falta "definir a data". Ao meu editor, digo que escreverei um livro. Combino de montar um grupo de cozinha gourmet. E deixo tudo para depois, quem sabe? Ultimamente, tento parar com isso. Se me convidam, digo que não posso. Se vou a uma peça de teatro e não gosto, digo isso mesmo, que não gostei. Sempre dá errado, a pessoa preferia uma mentira. A franqueza, descobri, é muito malvista. Até considerada falta de educação.

CARRASCO, Walcyr. In: <http://epoca.globo.com/colunas-blogs/walcycrarrasco/noticia/2013/10/mentem-bcomo-respiramb.html> (acesso em 15/12/2013).

QUESTÃO 01 - Com base no texto, é possível afirmar que a mentira, para o autor, é uma atitude muito comum no convívio social.

() CERTO () ERRADO

QUESTÃO 02 - O autor desse texto considera a mentira algo imprescindível para a vida em sociedade.

() CERTO () ERRADO

QUESTÃO 03 - Com base no trecho "Ultimamente, tento parar com isso", infere-se que a honestidade do escritor revela a sua disposição firme de expressar-se com mais sinceridade.

() CERTO () ERRADO

QUESTÃO 04 - O autor assume que é mentiroso, contudo mostra-se desejoso de mudar essa condição.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Você deve ter sentido facilidade nos itens 01 e 04. Os distratores neles presentes são muito frágeis, o que torna fácil a avaliação dos itens.

O texto, logo no seu início, afirma que "Para falar a verdade, mente-se por qualquer motivo...", o que dá a entender que a mentira é algo comum no convívio social. Os exemplos enumerados de desculpas mentirosas reforçam essa afirmação, o que torna o **item 01 CERTO!**

Já os trechos "Eu mesmo minto" e "Ultimamente tento parar com isso!" evidenciam que o autor se reconhece como mentiroso, mas se mostra disposto a parar de mentir, o que torna o **item 04 CERTO!**

Já os itens 02 e 03 são mais sutis!

No item 02, afirma-se que, segundo o autor, a mentira é algo imprescindível para a vida em sociedade. Aqui é necessário atentar para o significado da palavra "imprescindível", resultado da união do prefixo de negação "im-" com o adjetivo "prescindível". Esse adjetivo deriva do verbo "prescindir", que significa "dispensar", "abrir mão". Dessa forma, algo "imprescindível" pode ser traduzido como "indispensável".

Mas calma lá! O autor está tentando parar de mentir, correto? Ora, se ele está tentando parar de mentir, é porque ele acredita que seja possível viver sem mentir, correto? Ora, se ele acredita poder viver sem mentir, ele crê que a mentira seja algo dispensável, prescindível, correto? Isso torna, portanto, o **item 02 ERRADO**. Note que o distrator é bem sutil! O item está ERRADO por culpa exclusivamente do prefixo de negação "IM-". A ausência deste tornaria CERTO o item!

Já no item 03, o distrator é mais discreto ainda! O item afirma que o autor se mostra disposto a se expressar com "mais sinceridade". Ora, se a intenção é ser mais sincero, pressupõe-se que ele já seja sincero, correto? Se uma pessoa quer ser mais habilidosa, pressupõe-se que ela já seja habilidosa, não é verdade? Mas, segundo o próprio autor, ele era sincero? Ele mesmo disse "Eu mesmo minto.". O autor não está buscando ser mais sincero, pois ele

não o era. Ele está, na verdade, é buscando ser sincero! Isso torna, portanto, o **item 03 ERRADO**. Note que o distrator é muuuuito sutil! O item está ERRADO por culpa exclusivamente do advérbio “MAIS”. A ausência deste tornaria CERTO o item!

Vamos para mais um exemplo?

“Não pensar mais em si”

Seria necessário refletir sobre isso seriamente: por que saltamos à água para socorrer alguém que está se afogando, embora não tenhamos por ele qualquer simpatia particular? Por compaixão: só pensamos no próximo – responde o irrefletido. Por que sentimos a dor e o mal-estar daquele que cospe sangue, embora na realidade não lhe queiramos bem? Por compaixão: nesse momento não pensamos mais em nós – responde o mesmo irrefletido.

A verdade é que na compaixão – quero dizer, no que costumamos chamar erradamente compaixão – não pensamos certamente em nós de modo consciente, mas inconscientemente pensamos e pensamos muito, da mesma maneira que, quando escorregamos, executamos inconscientemente os movimentos contrários que restabelecem o equilíbrio, pondo nisso todo o nosso bom senso.

O acidente do outro nos toca e faria sentir nossa impotência, talvez nossa covardia, se não o socorrêssemos. Ou então traz consigo mesmo uma diminuição de nossa honra perante os outros ou diante de nós mesmos. Ou ainda vemos nos acidentes e no sofrimento dos outros um aviso do perigo que também nos espia; mesmo que fosse como simples indício da incerteza e da fragilidade humanas que pode produzir em nós um efeito penoso.

Rechaçamos esse tipo de miséria e de ofensa e respondemos com um ato de compaixão que pode encerrar uma sutil defesa ou até uma vingança. Podemos imaginar que no fundo é em nós que pensamos, considerando a decisão que tomamos em todos os casos em que podemos evitar o espetáculo daqueles que sofrem, gemem e estão na miséria: decidimos não deixar de evitar, sempre que podemos vir a desempenhar o papel de homens fortes e salvadores, certos da aprovação, sempre que queremos experimentar o inverso de nossa felicidade ou mesmo quando esperamos nos divertir com nosso aborrecimento. Fazemos confusão ao chamar compaixão ao sofrimento que nos causa um tal espetáculo e que pode ser de natureza muito variada, pois em todos os casos é um sofrimento de que está isento aquele que sofre diante de nós: diz-nos respeito a nós tal como o dele diz respeito a ele. Ora, só nos libertamos desse sofrimento pessoal quando nos entregamos a atos de compaixão. [...]

QUESTÃO 01 - Sobre as ideias apresentadas no texto lido, é correto afirmar:

- a) O conceito de “compaixão” apresentado pelo autor do texto ratifica a definição empregada costumeiramente pelo público em geral.
- b) O autor defende a ideia de que o sentimento de compaixão é condicionado à vontade do indivíduo em se portar de forma altruísta.
- c) O ato de compaixão, na visão do autor do texto, tem natureza involuntária, sendo, muitas vezes, uma espécie de resposta à vulnerabilidade a que estamos naturalmente sujeitos.

d) A prática dos atos de compaixão, de acordo com o autor do texto, é prescindível para que nos libertemos do sentimento que é presenciar os variados tipos de sofrimento alheio.

e) A entrega aos atos de compaixão, de acordo com o autor, significa a predominância do sentimento altruísta, sintetizado no título do texto "Não pensar em si".

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADO – O conceito de "compaixão" tomado pelo público é o associado à solidariedade e ao altruísmo. Isso fica claro nas duas respostas apresentadas no primeiro parágrafo: "Por compaixão: só pensamos no próximo" e "Por compaixão: nesse momento não pensamos mais em nós".

Esse conceito, no entanto, é contrariado pelo autor do texto, que associa à compaixão um sentimento inconsciente de se pensar muito em si, como um ato reflexo que tenta estabelecer o equilíbrio do corpo quando se escorrega. A discordância do autor fica bem clara em "quero dizer, no que costumamos chamar erradamente compaixão".

O **DISTRATOR** presente na Letra A, portanto, está no emprego do parônimo "ratificar", que significa "confirmar". É ele o responsável por tornar o item ERRADO.

Letra B – ERRADO – O autor entende que a compaixão é um ato involuntário, ou seja, não está condicionado à vontade, mas sim a uma reação instintiva que impede que deixemos os outros sofrerem por acreditarmos que nossa inação seja uma desonra, uma prova de impotência ou um sinal de que o perigo também nos ronda.

O **DISTRATOR** presente na Letra B, portanto, está no emprego do particípio "condicionado". Na verdade, os atos de compaixão se apresentam incondicionados pela vontade do indivíduo.

Letra C – CERTO – De fato, o autor compara os gestos de compaixão às reações instintivas do nosso corpo que tentam restabelecer o equilíbrio quando escorregamos. E uma das justificativas para essa decisão inconsciente é que temos medo de ser atingidos pelos mesmos perigos que fazem um semelhante sofrer, evidenciando, assim, nossa fraqueza e vulnerabilidade.

Essa ideia pode facilmente ser percebida no seguinte trecho: "Ou ainda vemos nos acidentes e no sofrimento dos outros um aviso do perigo que também nos espia; mesmo que fosse como simples indício da incerteza e da fragilidade humanas que pode produzir em nós um efeito penoso."

Letra D – ERRADO – Observemos o trecho: "Ora, só nos libertamos desse sofrimento pessoal quando nos entregamos a atos de compaixão.". A presença do advérbio "só" (= somente) indica que a prática de atos de compaixão é indispensável para que nos libertemos desse sofrimento. Dessa forma, nunca nos libertaremos desse sofrimento se não nos entregarmos aos atos de compaixão, provando, assim, que a compaixão é imprescindível.

O **DISTRATOR** presente na Letra D, portanto, está no emprego do adjetivo "prescindível".

Letra E – ERRADO – De acordo com o autor do texto, quando nos entregamos a atos de compaixão, estamos na verdade pensando em nós mesmos, o que torna equivocada a afirmação de que o altruísmo predomina sobre o "pensar em si". Isso fica bem claro no seguinte trecho: "Podemos imaginar que no fundo é em nós que pensamos, considerando a decisão que tomamos em todos os casos em que podemos evitar o espetáculo daqueles que sofrem, gemem e estão na miséria".

O **DISTRATOR** presente na Letra E, portanto, está no emprego do substantivo "predominância".

Resposta: Letra C

QUESTÃO 02 - O objetivo principal do texto é

- a) incentivar a prática voluntariosa de atos de compaixão, visando à busca do bem-estar predominantemente coletivo.
- b) criticar o excesso de individualismo que muitas vezes impede a prática de atos de compaixão.
- c) simbolizar no sofrimento alheio a prova incontestável de nossa fragilidade e vulnerabilidade como seres humanos.
- d) apontar o pensar em si como componente de destaque presente nas tomadas de decisão que resultam em atos de compaixão.
- e) relativizar a necessidade de afinidade com a pessoa que sofre como requisito para a prática de atos de compaixão.

RESOLUÇÃO

O **DISTRATOR**, muitas vezes, já vem no próprio enunciado. Quando a questão pergunta o “objetivo principal”, perceba que algumas opções tentarão induzir você a considerar uma informação secundária como principal. Tome cuidado!

Letra A – ERRADO – Primeiramente, a mensagem do texto não é de incentivo, mas de esclarecimento. Visa o autor do texto provar a tese de que a prática de atos de compaixão é estimulada inconscientemente por decisões individuais, baseadas no “pensar em si”. Com a prática dos atos de compaixão, busca-se não um bem-estar coletivo, mas um bem-estar individual, que resulta da libertação do sentimento de sofrimento pessoal quando nos deparamos com uma dor alheia.

Letra B – ERRADO – Não se critica o individualismo no texto. Na verdade, afirma-se que são as decisões inconscientes que buscam um bem-estar individual que levam à prática de atos de compaixão. O individualismo não seria, portanto, um impeditivo, pois a compaixão é resultado de atos involuntários, que ocorrem de forma automática, como atos reflexos que tentam reequilibrar o corpo quando este escorrega.

Letra C – ERRADO – De fato, o sofrimento alheio desperta a noção de nossa fragilidade e vulnerabilidade. Isso fica bem claro no trecho: “Ou ainda vemos nos acidentes e no sofrimento dos outros um aviso do perigo que também nos espia; mesmo que fosse como simples indício da incerteza e da fragilidade humanas que pode produzir em nós um efeito penoso.”. No entanto, essa é uma das justificativas que estimulam a prática de atos de compaixão, não a única. Portanto, o objetivo principal do texto não pode ser reduzido à ideia de que o sofrimento dos outros é sinal da nossa fraqueza.

O objetivo é mostrar que motivações individuais inconscientes, e não o simples “pensar no outro”, desencadeiam atos de compaixão.

Letra D – CERTO – O autor desconstrói a ideia original de que os atos de compaixão são motivados pelo pensar no outro, e não mais em si. De forma inconsciente, ao se praticar um ato de compaixão, está-se pensando muito em si.

Letra E – ERRADO – As duas perguntas formuladas no 1º parágrafo, de certa forma, atenuam (relativizam) a necessidade de afinidade para que pratiquemos atos de compaixão. O ato de solidariedade diante do sofrimento alheio independe, pois, da boa relação entre os indivíduos. No entanto, não é esse o foco central do texto. Trata-

se apenas de um exemplo, que ilustra a tese de que a prática dos atos de compaixão é motivada inconscientemente pelo “pensar em si”.

Resposta: Letra D



Assista a um vídeo sobre DISTRATORES no meu canal do YouTube, apontando a câmera do seu celular para o QR-Code abaixo:



Questões comentadas pelo professor

Texto para as questões 01 e 02

Quem não gosta de samba

“Como se dá que ritmos e melodias, embora tão somente sons, se assemelhem a estados da alma?”, pergunta Aristóteles. Há pessoas que não suportam a música; mas há também uma venerável linhagem de moralistas que não suporta a ideia do que a música é capaz de suscitar nos ouvintes. Platão condenou certas escalas e ritmos musicais e propôs que fossem banidos da cidade ideal. Santo Agostinho confessou-se vulnerável aos “prazeres do ouvido” e se penitenciou por sua irrefreável propensão ao “pecado da lascívia musical”. Calvino alerta os fiéis contra os perigos do caos, volúpia e emefinação que ela provoca. Descartes temia que a música pudesse superexcitar a imaginação.

O que todo esse medo da música – ou de certos tipos de música – sugere? O vigor e o tom dos ataques traem o melindre. Eles revelam não só aquilo que afirmam – a crença num suposto perigo moral da música –, mas também o que deixam transparecer. O pavor pressupõe uma viva percepção da ameaça. Será exagero, portanto, detectar nesses ataques um índice da especial força da sensualidade justamente naqueles que tanto se empenharam em preveni-la e erradicá-la nos outros?

O que mais violentamente repudiamos está em nós mesmos. Por vias oblíquas ou com plena ciência do fato, nossos respeitáveis moralistas sabiam muito bem do que estavam falando.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 23-24)

1. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

O que une as posições que uma venerável linhagem de moralistas manifestou é, segundo as convicções do autor do texto,

- a) a aversão que todos eles demonstram pelo poder democrático que a música em especial, dentre todas as artes, expande nas mais diversas culturas.
- b) a incapacidade que todos manifestam de se sentirem de algum modo tocados pelos elementos da música que julgam nocivos à moralidade.
- c) o reconhecimento comum de que a música, ao propiciar momentos tão agradáveis, distrai os homens de suas responsabilidades profissionais.
- d) o repúdio ao que há justamente de prazeroso e encantatório na música, o que revela que também eles são sensíveis aos efeitos dessa arte.
- e) a crítica que fazem todos ao culto do ócio e da improdutividade, vícios que esses moralistas acusam a arte musical de disseminar entre todos nós.

RESOLUÇÃO

Letra A - ERRADA – A aversão manifestada não é pelo poder democrático embutido na música, mas sim pelas sensações contrárias a um moralismo que ela é capaz de despertar até mesmo nesses críticos.

Letra B – ERRADA – Os críticos não se mostram incapazes de se sentir tocados pela música, segundo o autor do texto. Na verdade, é pelo fato de eles se sentirem tocados que reagem de forma adversa.

Letra C – ERRADA – Trata-se de uma extrapolação textual. Em nenhum momento se faz menção à distração de responsabilidades profissionais. O que se alega é que a música é capaz de despertar nas pessoas sentimentos que vão de encontro a um moralismo.

Letra D – CERTA – Exato! Segundo o autor, os críticos que repudiam os efeitos contrários à moral presentes na música se mostram vulneráveis. Como resposta, adotam o ataque e o repúdio.

Letra E – ERRADA – Trata-se novamente de uma extrapolação. Em nenhum momento se faz menção aos efeitos de ócio e improdutividade decorrentes da música.

Resposta: D

2. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

A frase *O vigor e o tom dos ataques traem o melindre* contém um **argumento** semelhante ao que está nesta outra frase:

- a) nossos respeitáveis moralistas sabiam muito bem do que estavam falando.
- b) Há pessoas que não suportam a música...
- c) Platão condenou certas escalas e ritmos musicais...
- d) O que todo esse medo da música [...] sugere?
- e) O que mais violentamente repudiamos está em nós mesmos.

RESOLUÇÃO

O trecho em destaque dá a entender que a força dos ataques à música desprendidos pelos críticos moralistas evidencia a vulnerabilidade destes. Em outras palavras, eles combatem sensações que eles próprios não são capazes de evitar. Essa reação de repúdio revela, assim, um sentimento de medo e fragilidade. Os críticos atacam aquilo que não conseguem deixar de praticar.

É esse o argumento presente na letra E.

Resposta: E

Texto para as questões 03 e 04

Limites da propriedade

Direito à terra? Sim. O problema está em onde se colocam as cercas.

Tenho, numa árvore, um daqueles bebedouros para beija-flores. E um deles já tomou posse. Quando aparece qualquer intruso, lá vem ele, como uma flecha, defender sua água. É a própria vida que determina o círculo de espaço que lhe pertence, que lhe é próprio. Daí, propriedade: aquilo que não me é estranho, que é parte de mim mesmo, que não pode ser tocado sem que eu sinta. O espaço que é propriedade do meu corpo é um dos direitos que a vida tem. Os limites da minha terra são os limites do que necessito para viver.

Mas há aqueles que fincam cercas para além dos limites da necessidade do seu corpo. Quando a terra é, de fato, uma propriedade, algo que é próprio ao corpo, ela está sendo constantemente transformada em vida. Mas quando

a terra é mais do que meu corpo necessita, ela deixa de ser vida e se transforma em lucro. Lucro é aquilo que não foi consumido pela vida.

(Adaptado de: ALVES, Rubem. Tempus fugit. São Paulo: Paulus, 1990, p. 33-34)

3. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

Mantendo, ao longo do texto, convicção quanto ao que sejam os limites da propriedade, o autor

- a) restringe o direito à posse da terra aos que não desconhecem o valor econômico dos investimentos a que ela convida para se tornar cada vez mais valiosa.
- b) defende com intransigência a propriedade da terra, desde que subordinada a princípios morais e éticos que a tradição cultural de um país deve especificar quais sejam.
- c) subordina o direito à terra à condição de que ela deve servir para atender as necessidades essenciais que se apresentam na vida de cada um.
- d) equipara o direito à propriedade da terra aos direitos humanos, razão pela qual defende o máximo de clareza legislativa ao definir os limites de uma propriedade.
- e) condiciona o estabelecimento dos limites de uma propriedade aos critérios que o proprietário mesmo deve bem definir para justificar as terras que possui e administra.

RESOLUÇÃO

O trecho "Os limites da minha terra são os limites do que necessito para viver.", o autor define a propriedade como algo associado à necessidade vital. Tudo que esteja além da necessidade para viver, consiste em lucro, descaracterizando, assim, o conceito de propriedade.

Resposta: C

4. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

O segmento em que se destaca a desconsideração de um princípio de justiça defendido ao longo do texto é

- a) fincam cercas para além dos limites da necessidade...
- b) ela está sendo constantemente transformada em vida.
- c) É a própria vida que determina o círculo de espaço que lhe pertence...
- d) O espaço que é propriedade do meu corpo é um dos direitos que a vida tem.
- e) propriedade: aquilo que não me é estranho, que é parte de mim mesmo...

RESOLUÇÃO

Define-se propriedade como algo limitado à necessidade vital. Tudo além disso passa a configurar lucro, descaracterizando, assim, o conceito de propriedade.

Quando alguém finca cercas para além dos limites da necessidade – ideia apresentada na letra A -, está desconsiderando um princípio apresentado como justo no texto: o de que a propriedade se restringe ao espaço necessário para o indivíduo viver.

Resposta: A

5. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

Planos da natureza

Gabam-se os homens de serem hábeis planejadores. E somos. Mas não queiramos exclusividade absoluta. A natureza é a rainha dos planejamentos. Aprendemos com ela a identificar para cada necessidade seu melhor atendimento. Mas fomos além: chegamos a criar carências só pelo prazer de atendê-las.

Exemplo? Ouve-se a toda hora: não sei o que seria de mim sem meu celular. Foram necessários milhares de anos para o homem finalmente descobrir o que lhe é vital: um smartphone. “Com ele planejo meu dia, me oriento, me situo na vida” – dirá um contemporâneo. De fato, o planejamento, como ferramenta da previsão e da organização do trabalho eficaz e necessário, muitas vezes revela-se indispensável. Mas quando quero me certificar da vantagem de um planejamento, observo a natureza, em algum plano que ela traçou para manter vivas suas leis essenciais. E alguém duvida de que ela tenha suas próprias razões de planejamento?

(Aristeu Villas-Boas, inédito)

Ao estabelecer no texto uma relação entre planejamento da natureza e planejamento humano, o autor considera que

- a) ambos se contradizem, uma vez que o homem passou a planejar fora de qualquer controle da natureza.
- b) a necessidade de planejar do homem espelha a qualificação da natureza em atender aos propósitos dela mesma.
- c) a natureza tem toda a primazia em seus planejamentos, não sabendo o homem inovar ou afastar-se deles.
- d) eles se complementam, já que cabe ao homem corrigir o que haja de impróprio nos planos da natureza.
- e) o elemento comum entre ambos comprova-se na plena harmonia de seus respectivos objetivos.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Segundo o texto, o homem aprendeu a planejar com a natureza, identificando para cada necessidade o melhor atendimento.

Letra B – CERTA – Exato! No trecho “Aprendemos com ela a identificar para cada necessidade seu melhor atendimento”, fica claro que o homem aprendeu com a natureza a atender cada uma das suas necessidades da melhor forma.

Letra C – ERRADA – O texto afirma literalmente que os homens são bons planejadores – “E somos”.

Letra D – ERRADA – Trata-se de uma extrapolação. Em nenhum momento o texto afirma que o homem seja capaz de corrigir falhas no planejamento da natureza.

Letra E – ERRADA – Trata-se de uma extrapolação. Não fica clara a harmonia entre os planos do homem e os da natureza. O elemento comum é que ambos os planejamentos buscam atender às suas necessidades.

Resposta: B

Texto para as questões 06 e 07

Mesopotâmia*

Perto de minha casa um rio
seguia rumoroso e pobre,
mas sempre havia quem buscasse
um seixo, um peixe, uma lembrança.

Eram meninos e eram homens
muito mais pobres do que ele,
curvados sobre a água escura
mesmo sob o sol de dezembro.

Pequenos caracóis, viscosos
abrigos de um destino só
na infância, a percorrer as léguas
de schistosoma e solidão.

À noite, eu pensava que o mundo
era composto só de rios
e de crianças que tentavam
a todo custo atravessá-los.

E ninguém me explicava nunca
que na verdade, em minha vida,
apenas um riozinho de águas,
sempre escassas, corria perto.

*Mesopotâmia: região entre os rios Tigre e Eufrates, considerada
o berço da civilização.

(MELO, Alberto da Cunha. Poesia completa. Rio de Janeiro, Record, 2017)

6. FCC - Assistente de Gestão Pública (Pref Recife)/2019

No contexto do poema, as águas escassas simbolizam

- a) a falta de identidade de uma população que não se organiza em prol do bem comum.
- b) a pobreza do sujeito poético, que se revolta contra a subserviência de seus pares.
- c) a ascensão social dos cidadãos capazes de se desprender de suas origens.
- d) a precariedade de recursos de uma comunidade negligenciada pelo poder público.
- e) o exotismo de uma região pouco explorada em termos socioeconômicos.

RESOLUÇÃO

A figura das águas escassas está associada contextualmente à carência vivida pelo eu-lírico. Podemos associar essa carência aos poucos recursos com que vivem os moradores de uma pobre comunidade.

Resposta: D

7. FCC - Assistente de Gestão Pública (Pref Recife)/2019

Em uma das leituras possíveis do poema, os versos *mas sempre havia quem buscasse / um seixo, um peixe, uma lembrança* expressam, por parte do sujeito de buscasse, sentimento de

- a) preocupação e passividade estéril.
- b) esperança e espírito de sobrevivência.
- c) alienação e comportamento egoísta.
- d) revolta e engajamento político.
- e) desamparo e postura servil.

RESOLUÇÃO

O trecho destacado introduz um contraste: mesmo com poucos recursos disponíveis, havia aqueles na comunidade pobre que alimentavam um sentimento de esperança de que as condições de vida pudessem ser mais adequadas.

Não se trata, assim, de uma manifestação de revolta, desconsolo, egoísmo ou preocupação. Trata-se sim de uma expectativa otimista, alentadora.

Resposta: B

8. FCC - Analista de Fomento (AFAP)/Advogado/2019 (e mais 4 concursos)

[Beleza e propaganda]

A crescente padronização do ideal de beleza feminina foi um dos efeitos imprevistos da popularização da fotografia, das revistas de grande circulação e do cinema a partir do início do século XX. Não é à toa que esse movimento coincide com a decolagem e vertiginosa ascensão da indústria da beleza (hoje um mercado com receita global acima de 200 bilhões de dólares). Como vender “a esperança dentro de um pote?”

As estratégias variam ao infinito, porém a mais diabólica e (possivelmente) eficaz dentre todas – verdadeira premissa oculta do marketing da beleza – foi explicitada com brutal franqueza, em 1953, pelo então presidente da megavarejista de cosméticos americana Allied Stores: “O nosso negócio é fazer as mulheres infelizes com o que têm”.

O atígar cirúrgico da insegurança estética e a exploração metódica das hesitações femininas no universo da beleza abrem as portas ao infinito. Os números e lucros do setor reluzem, mas quem estimará a soma de todo o mal-estar causado pelo massacre diuturno de um padrão ideal de beleza?

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 104-105)

O autor do texto se posiciona claramente contra

- a) os efeitos nocivos da propaganda, quando se vale de recursos das artes tradicionais para vender produtos de grande significação social.
- b) as teses idealistas acerca do que seja o belo, que propagam modelos estéticos ligados a um passado clássico que hoje não guardam qualquer sentido.
- c) a exploração comercial de produtos ligados à estética feminina, como os cosméticos, que ele julga perverter o padrão ideal de beleza.
- d) a disseminação de padrões de beleza inatingíveis que atendem a um ávido interesse econômico e acarretam infelizes obsessões às mulheres.
- e) a reprodução de modelos de beleza que levam as mulheres a encontrar em si mesmas uma fonte de prazer sem qualquer relevância social.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – A redação do item é falha, pois afirma, genericamente, que o autor se opõe à forma com que são feitas as propagandas de produtos de grande significação social. O foco do autor, no entanto, é mais restrito: está limitado aos produtos de beleza femininos.

Letra B – ERRADA – O autor se contrapõe não a padrões do passado, mas sim a padrões do presente, disseminados pela indústria da beleza.

Letra C – ERRADA – O autor não afirma que o padrão de beleza está sendo pervertido pelos produtos cosméticos. Sua crítica está no fato de que os ideais de beleza propagados pela mídia são inatingíveis e geram malefícios para as mulheres.

Letra D – CERTA – Exatamente! O autor critica o comportamento da indústria da beleza, responsável por criar padrões estéticos inatingíveis, que acabam abalando psicologicamente as mulheres.

Letra E – ERRADA – A disseminação de padrões inatingíveis de beleza traz não prazer, mas sim sofrimento para as mulheres.

Resposta: D

Texto para as questões 09 a 11**A chave do tamanho**

O antes de nascer e o depois de morrer: duas eternidades no espaço infinito circunscrevem o nosso breve espasmo de vida. A imensidão do universo visível com suas centenas de bilhões de estrelas costuma provocar um misto de assombro, reverência e opressão nas pessoas. “O silêncio eterno desses espaços infinitos me abate de terror”, afligia-se o pensador francês Pascal. Mas será esse necessariamente o caso?

O filósofo e economista inglês Frank Ramsey responde à questão com lucidez e bom humor: “Discordo de alguns amigos que atribuem grande importância ao tamanho físico do universo. Não me sinto absolutamente humilde diante da vastidão do espaço. As estrelas podem ser grandes, mas não pensam nem amam – qualidades que impressionam bem mais do que o tamanho. Não acho vantajoso pesar quase cento e vinte quilos”.

Com o tempo não é diferente. E se vivêssemos, cada um de nós, não apenas um punhado de décadas, mas centenas de milhares ou milhões de anos? O valor da vida e o enigma da existência renderiam, por conta disso, os seus segredos? E se nos fosse concedida a imortalidade, isso teria o dom de aplacar de uma vez por todas o nosso desamparo cósmico e as nossas inquietações? Não creio. Mas o enfado, para muitos, seria difícil de suportar.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 35)

9. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

Ao longo do texto, o autor sustenta a ideia de que a infinitude

- a) do universo acalenta nossa confiança na infinitude da espécie humana.
- b) dos espaços cósmicos refreia o nosso anseio de imortalidade.
- c) do tempo universal impede-nos de usufruir o tempo de nossa finitude.
- d) dos espaços ou do tempo não garante a vantagem de uma suposta imortalidade.
- e) das coisas nunca representou alguma restrição à nossa sensação de liberdade.

RESOLUÇÃO

Ao longo do texto, o autor desconstrói a ideia de que a vastidão do universo e a infinitude do tempo sejam algo vantajoso. Segundo o autor, de nada adianta ser gigantesco se não se possui a capacidade de amar ou raciocinar. Da mesma forma, levanta a hipótese de que seria enfadonha a vida se vivêssemos milhares ou milhões de anos.

Portanto, a imortalidade não seria necessariamente algo vantajoso, segundo o autor.

Resposta: D

10. FCC – Banrisul - 2019

As ideias de Pascal e as de Frank Ramsey referidas no texto

- a) convergem para o ponto comum de fazer temer a enormidade dos enigmas que nos cercam.
- b) divergem frontalmente quanto às percepções que têm diante da vastidão ou infinitude do universo.
- c) divergem quanto à infinitude do universo, mas convergem quanto ao temor que sentimos diante da morte.
- d) são complementares, uma vez que a convicção de um pensador dá força à convicção do outro.
- e) são de todo independentes, pois não tratam de qualquer tema que estabeleça contato entre elas

RESOLUÇÃO

Enquanto Pascal mostra tormento e admiração com a infinitude do universo, Ramsey se contrapõe, alegando que não vê vantagem em ser imenso e não possuir a capacidade de pensar ou raciocinar. Não há, portanto, da parte de Ramsey, um sentimento de temor.

Resposta: B

11.FCC – BANRISUL - 2019

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) *circunscrevem o nosso breve espasmo* = retificam nosso rápido incômodo
- b) *misto de assombro, reverência e opressão* = contrição de susto, desassombro e restrição
- c) *responde à questão com lucidez e bom humor* = elucida a pergunta com irreverência imaginosa
- d) *renderiam (...) os seus segredos?* = revelariam os seus mistérios?
- e) *teria o dom de aplacar de uma vez* = traria o mérito de retribuir no ato

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O verbo “circunscrever” está associado a “pôr limites”. Já “retificar” está associado a “corrigir”.

Letra B – ERRADA – A ideia de “assombro” encontra correspondente em “susto”. No entanto, as ideias de “reverência” – respeito, veneração – e “opressão” – coação, constrangimento – não encontram correspondentes em “desassombro” – valentia – e “restrição” – limitação, impeditivo.

Letra C – ERRADA – A ideia de “imaginosa”, relacionada à imaginação, não está presente no trecho original.

Letra D – CERTA – Observemos o trecho: “O valor da vida e o enigma da existência renderiam, por conta disso, os seus segredos?”. Nele, podemos associar “mistérios” a “segredos”. Já o verbo “render” tem a acepção de “gerar”, “revelar”, “trazer à tona”.

Letra E – ERRADA – A ideia de “ter o dom” está associada a “ter o poder”. Não está relacionada, portanto, à ideia de mérito, como quer passar o trecho reescrito.

Resposta: D

Texto para as questões 12 a 14**Imigrações no Rio Grande do Sul**

Em 1740 chegou à região do atual Rio Grande do Sul o primeiro grupo organizado de povoadores. Portugueses oriundos da ilha dos Açores, contavam com o apoio oficial do governo, que pretendia que se instalassem na vasta área onde anteriormente estavam situadas as Missões.

A partir da década de vinte do século XIX, o governo brasileiro resolveu estimular a vinda de imigrantes europeus, para formar uma camada social de homens livres que tivessem habilitação profissional e pudessem oferecer ao país os produtos que até então tinham que ser importados, ou que eram produzidos em escala mínima. Os primeiros imigrantes que chegaram foram os alemães, em 1824. Eles foram assentados em glebas de terra situadas nas proximidades da capital gaúcha. E, em pouco tempo, começaram a mudar o perfil da economia do atual estado.

Primeiramente, introduziram o artesanato em uma escala que, até então, nunca fora praticada. Depois, estabeleceram laços comerciais com seus países de origem, que terminaram por beneficiar o Rio Grande. Pela

primeira vez havia, no país, uma região em que predominavam os homens livres, que viviam de seu trabalho, e não da exploração do trabalho alheio.

As levas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. E, embora o poder político ainda fosse detido pelos grandes senhores das estâncias e charqueadas, o poder econômico dos imigrantes foi, aos poucos, se consolidando.

(Adaptado de: projetoriograndetche.weebly.com/imigraccedilatildeo-no-rs.html)

12. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

Os primeiros imigrantes alemães a se estabelecerem no Rio Grande do Sul

- a) constituíram uma alternativa ao trabalho escravo, alterando, com o tempo, a fisionomia econômica do estado.
- b) promoveram a ocupação, com apoio governamental, de uma ampla região destinada ao estabelecimento das Missões.
- c) foram assentados em glebas onde já com eficácia se cultivavam produtos que concorriam com os importados.
- d) alteraram a qualidade e a quantidade dos produtos artesanais locais, o que se refletiu na economia da região.
- e) representaram o ingresso no mercado de trabalhadores qualificados que modernizaram a produção industrial.

RESOLUÇÃO

Letra A – CERTA – Observe o seguinte trecho: “Pela primeira vez havia, no país, uma região em que predominavam os homens livres, que viviam de seu trabalho, e não da exploração do trabalho alheio.”. A exploração do trabalho alheio é uma referência ao trabalho escravo, que passou a ceder espaço ao trabalho de homens livres com a chegada dos alemães ao Rio Grande do Sul. Além disso, a mudança da fisionomia econômica da região fica bem clara no seguinte trecho: “*E, em pouco tempo, começaram a mudar o perfil da economia do atual estado.*”.

Letra B – ERRADA – Cuidado! A ocupação das Missões com apoio governamental foi feita pelos imigrantes portugueses, não pelos alemães.

Letra C – ERRADA – A competição dos produtos cultivados com os importados passou a acontecer após a chegada dos imigrantes.

Letra D – ERRADA - Não havia artesanato na escala descrita antes da chegada dos imigrantes alemães. Isso fica claro no seguinte trecho: “*Primeiramente, introduziram o artesanato em uma escala que, até então, nunca fora praticada.*”

Letra E – ERRADA – O texto não menciona avanço na produção industrial. Menciona sim avanço no artesanato e no cultivo.

Resposta: A

13. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

Com a sucessão de levas de imigrantes, verificaram-se as seguintes consequências no Rio Grande do Sul:

- a) interdição do trabalho escravo e consolidação das classes dominantes.
- b) diversificação do artesanato e valorização do folclore nacional.
- c) consolidação das estâncias tradicionais e minimização das charqueadas.
- d) fortalecimento da economia interna e promoção econômica da classe média.
- e) alternância no comando político e expansão das propriedades rurais.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – A consolidação foi da classe média, não da dominante.

Letra B – ERRADA – Em nenhum momento o texto fala acerca de folclore. Além disso, não se pode afirmar que houve uma diversificação, mas sim uma introdução do artesanato.

Letra C – ERRADA – Mais uma vez, a consolidação foi da classe média, não da dominante.

Letra D – CERTA – Exato. Houve ascensão da classe média e, ao mesmo tempo, um fortalecimento do mercado interno.

Letra E – ERRADA – Não se falou em momento algum em alternância de poder político, configurando, assim, uma extrapolação. Também não fica clara a expansão das propriedades rurais como consequência.

Resposta: D

14. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

As levas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. E, embora o poder político ainda fosse detido pelos grandes senhores das estâncias e charqueadas, o poder econômico dos imigrantes foi, aos poucos, se consolidando.

O parágrafo em destaque do texto enfatiza

- a) a progressiva e positiva transformação socioeconômica que as levas de imigrantes trouxeram ao estado rio-grandense.
- b) o impulso rapidamente imposto ao ritmo até então tímido da produção nas pequenas propriedades gaúchas.
- c) a pressão das camadas emergentes dos trabalhadores sobre a gestão política dos proprietários tradicionais.
- d) a substituição dos modos de produção local pelas técnicas artesanais há muito consagradas em outras terras.
- e) a importância da imigração alemã no deslocamento da economia rural para a do mercado financeiro.

RESOLUÇÃO

Letra A – CERTA – Exatamente! A transformação se deu de forma paulatina, ou seja, aos poucos. Além disso, foram mudanças positivas, que trouxeram progresso para o estado.

Letra B – ERRADA – Não foi rápida a transformação do cenário econômico local. Ele se deu aos poucos.

Letra C – ERRADA – O parágrafo enfatiza a mudança do cenário econômico local. Não se fala em gestão política em momento algum.

Letra D – ERRADA – As técnicas artesanais responsáveis por dar escala à economia local foram introduzidas com a chegada dos imigrantes. Não as havia antes.

Letra E – ERRADA – Em nenhum momento se fala em mercado financeiro.

Resposta: A

15.FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

[Retratos fiéis]

Não sei por que motivo há de a gente desenhar tão objetivamente as coisas: o galho daquela árvore exatamente na sua inclinação de quarenta e três graus, o casaco daquele homem justamente com as ruguinhas que no momento apresenta, e o próprio retratado com todos seus pés-de-galinha minuciosamente contadinhos... Para isso já existe há muito tempo a fotografia, com a qual jamais poderemos competir em matéria de objetividade.

Se, para contrabalançar minhas lacunas, me houvesse Deus concedido o invejável dom da pintura, eu seria um pintor lírico (o adjetivo não é bem apropriado, mas vai esse mesmo enquanto não ocorrer outro). Quero dizer, o modelo serviria tão só do ponto de partida. O restante eu transfiguraria em conformidade com meu desejo de fantasia e poder de imaginação.

(Adaptado de: QUINTANA, Mário. Na volta da esquina. Porto Alegre: Globo, 1979, p. 88)

No primeiro parágrafo, o autor do texto exprime sua convicção de que a

- a) pintura, sendo mais criativa que a fotografia, desfruta de melhores condições para ser de fato uma arte.
- b) fotografia, ainda que seja uma técnica capaz de objetividade, não distingue os detalhes que uma pintura pode realçar.
- c) fotografia, em sua propriedade de retratar tudo objetivamente, alcança mais precisão do que qualquer pintura.
- d) pintura, em seu afã de retratar tudo objetivamente, acaba por relevar detalhes que a própria fotografia não exprime.
- e) pintura, quando descarta sua obsessão em retratar tudo com o máximo de detalhes, aproxima-se mais da arte da fotografia.

RESOLUÇÃO

Observe o trecho: *Para isso já existe há muito tempo a fotografia, com a qual jamais poderemos competir em matéria de objetividade.*

Nele fica claro que a pintura sempre estará aquém da fotografia no quesito objetividade.

Resposta: C

Atenção: Para responder às questões de números 16 a 18, baseie-se no texto abaixo.

Juventude de hoje, de ontem e de amanhã

A juventude é estranha porque é a velhice do mundo passada indefinidamente a limpo. Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria, de vícios e virtudes, de esperanças e decepções. O jovem é o mais velho exemplar da humanidade. Pesa-lhe a herança dos conhecimentos acumulados; pesa-lhe o desafio do que não foi conquistado; a inadequação entre o idealismo e o egoísmo prático; pesa-lhe o inconsciente da raça, esta sessão espírita permanente, através da qual cada homem se comunica com os mortos.

No encontro de duas gerações, a que murcha e a que floresce, há uma irrisão dramática, um momento de culpas, apreensões e incertezas. As duas figuras se contemplam: o jovem é o passado do velho, e este é o futuro que o jovem contempla com horror. Assim, o momento desse encontro é um espelho cujas imagens o tempo deforma, sem que se desfaga, para o moço e para o velho, a sinistra impressão de que as duas figuras são uma coisa só, um homem só, uma tragédia só.

O poeta romântico inglês Shelley poderia ser o padrão do adolescente de todas as épocas: nasceu de família respeitável e rica, foi bonito, sincero, revoltado, idealista, violento, amoroso, apaixonado pela vida e pela morte, inteligente, confuso e, sobretudo, de uma sensibilidade crispada. Não era um monstro: seus atos eram a consequência lógica de suas ideias, da lealdade às suas crenças. E enquanto escrevia versos musicais, fecundados de amor cósmico, esperança e idealismo social, atirava-se feroz contra o conformismo do clero, a monarquia, as leis vigentes, o farisaísmo universal.

(Adaptado de CAMPOS, Paulo Mendes. O amor acaba. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 135-136)

16. FCC – CLDF - 2018

A afirmação inicial **A juventude é estranha** encontra em seguida uma justificativa quando o autor argumenta que os jovens,

- a) assim como os mais velhos, dão a vida passada por vivida, recusando-se a crer que ainda haja ideais a serem perseguidos.
- b) ao contrário dos velhos, buscam passar seu próprio tempo a limpo, livrando-o da carga pesada dos erros passados.
- c) incorporando valores de outros tempos, acumulam erros e acertos do passado, como se numa transmissão sobrenatural.
- d) rejeitando as heranças culturais disponíveis, têm a ilusão de que renovam tudo, ainda quando repitam erros do passado.
- e) espelhando-se em si mesmos, acabam reabilitando e nobilitando ideais que se perderam em antigos combates.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – É errado afirmar que os jovens se recusam a crer que ainda haja ideais a serem perseguidos. No primeiro parágrafo, no trecho "*pesa-lhe o desafio do que não foi conquistado*", dá-se a entender que os jovens se sentem desafiados a buscar novas conquistas; no mesmo parágrafo, no trecho "*[pesa-lhe] a inadequação entre o idealismo e o egoísmo prático*", é possível afirmar que o jovem é, ao mesmo tempo, idealista e

egoísta. No último parágrafo, o próprio exemplo do poeta Shelley, segundo o texto um padrão que deveria ser seguido por todos os adolescentes de todas as épocas, é apresentado como idealista.

Letra B – ERRADA – Segundo o texto, não é a juventude que é passada “a limpo”, mas sim a velhice. Esta é passada a limpo justamente na transição entre as duas gerações, a que floresce e que murcha.

Letra C – CERTA – O trecho “*Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria, de vícios e virtudes, de esperanças e desilusões.*” traduz a ideia de que os jovens incorporam valores de outros tempos. Além disso, no trecho “*pesa-lhe o inconsciente da raça, esta sessão espírita permanente, através da qual cada homem se comunica com os mortos.*”, o autor compara a transmissão de erros e acertos, de vícios e virtudes, de uma geração para outra, a uma sessão espírita permanente, fazendo, assim, uma analogia com eventos sobrenaturais.

Letra D – ERRADA – É errado afirmar que os jovens, de forma generalizada, rejeitam as heranças culturais disponíveis. O trecho “*Pesa-lhe a herança dos conhecimentos acumulados*” dá a entender que, ao herdar o conhecimento de gerações passadas, cria-se uma responsabilidade para o jovem.

Letra E – ERRADA – Na verdade, para construir seus futuros e ideais, os jovens se espelham nos mais velhos, enxergando nestes um futuro que não desejam para si. Isso fica bem evidente no seguinte trecho “*As duas figuras se contemplam: o jovem é o passado do velho, e este é o futuro que o jovem contempla com horror*”. Isso significa que os jovens não se espelham em si, mas sim se espelham nos mais velhos, tomando estes, muitas vezes, como contraexemplos para o futuro que almejam ter.

Resposta: C

17.FCC – CLDF - 2018

O poeta inglês Shelley, segundo o autor do texto, poderia ser o padrão do adolescente de todas as épocas porque nele

- a) o espírito revoltoso de um marginalizado fazia dele uma personalidade arrebatada pelos mais ferozes ressentimentos.
- b) a sensibilidade à flor da pele fazia com que ele se dedicasse plenamente ao culto dos mais altos ideais.
- c) as qualidades negativas deixavam em segundo plano as positivas, o que favorecia sua expressão romântica.
- d) os impulsos amorosos, idealistas e esperançosos conviviam com duras invectivas contra o que julgasse maligno.
- e) as intenções críticas mais contundentes acabavam sucumbindo ao lirismo e à índole mística de seu temperamento.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – É errado afirmar que Shelley era uma personalidade arrebatada pelos mais ferozes sentimentos. O autor deixa isso bem claro, ao afirmar que “[Shelley] *Não era um monstro: seus atos eram a consequência lógica de suas ideias, da lealdade às suas crenças.*”.

Letra B – ERRADA – O sentido do advérbio “plenamente” está associado a ideia de “permanentemente”. E isso não é verdade, segundo o texto, pois Shelley, ao mesmo tempo que se dedicava à escrita de “*versos musicais, fecundados de amor cósmico, esperança e idealismo social*”, mantinha uma postura feroz contra o conformismo do clero.

Letra C – ERRADA – O autor, ao explorar o perfil romântico e, ao mesmo tempo, revoltoso do poeta Shelley, não está propriamente relativizando seus defeitos e enaltecendo suas qualidades. Ele simplesmente dá a entender que essa mistura de atributos poderia ser tomada como a caracterização padrão de jovens de todas as épocas.

Letra D – CERTA – O item exige o conhecimento do significado do vocábulo “invectivas”. Mesmo desconhecendo seu significado dicionário, é possível contextualmente associá-lo a algo negativo, relacionado a “ataques”, “ofensas”, “insultos”.

Isso posto, é o que exatamente ocorreu com Shelley: ao mesmo tempo que escrevia versos amorosos, ele se lançava em ofensivas contra aquilo que julgava ser maligno, materializado à época no conformismo do clero, na monarquia, nas leis vigentes e no farisaísmo (na hipocrisia) universal.

Letra E – ERRADA – É errado afirmar que as críticas do poeta sucumbiam ao seu tom lírico. As duas posturas coexistiam.

Resposta: D

18. FCC – CLDF - 2018

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) é a velhice do mundo passada indefinidamente a limpo (10 parágrafo) = é a humanidade velha imperando oportunamente sobre a nova.
- b) Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria (10 parágrafo) = na alternância de deslizes e acertos, magnetizam-se as gerações.
- c) uma irrisão dramática, um momento de culpas (20 parágrafo) = um drama irrisório, um instante de remorsos.
- d) a sinistra impressão de que as duas figuras são uma coisa só (20 parágrafo) = a incrível sensação de que ambas as imagens são uma única.
- e) atirava-se feroz contra o conformismo do clero (30 parágrafo) = empenhava-se bravamente no combate à resignação da classe clerical.

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADA – A ideia original de “passar a limpo” não se compatibiliza com a forma verbal “imperar”. A primeira está associada à ideia de “revisar, corrigir”, ao passo que a segunda, “dominar, sobrepujar”.

Letra B – ERRADA – A ideia original de “legar” não se compatibiliza com “alternar”. A primeira está associada à ideia de “transmitir como herança”, ao passo que a segunda, “mudar, revezar”.

Letra C – ERRADA – O vocábulo “irrisão” está associado à ideia de “zombaria, desprestígio”. Este é cognato (mesma raiz, radical) do adjetivo “irrisório”, associado a “sem valor, desprezível”.

Note que originalmente se fala em “irrisão dramática”, ou seja, uma zombaria dramática, que gera aflição, comoção.

A reescrita propõe “drama irrisório”, dando a entender que se trata de um drama sem relevância, um sofrimento de pouco valor, sem importância.

Letra D - ERRADA – A diferença é bem sutil. Enquanto que o adjetivo “sinistro” carrega a significação de “assustador”, o adjetivo “incrível” está associado à ideia de “inacreditável”.

Letra E – CERTA – A forma “atirava-se feroz contra” é bem traduzida por “empenhava-se bravamente no combate”. Além disso, “resignação” tem como sinônimo “conformismo”.

Resposta: E

Atenção: Para responder às questões de números 19 a 21, baseie-se no texto abaixo.

Uma palavra sobre cultura e Constituição

Todas as Constituições brasileiras foram lacônicas e genéricas ao tratar das relações entre cultura e Estado. Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior. Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base cujo vetor é sempre a melhor distribuição da renda nacional. Na esfera dos bens simbólicos, esse objetivo se alcança, em primeiro e principal lugar, construindo o suporte de um sistema educacional sólido conjugado com um programa de apoio à pesquisa igualmente coeso e contínuo.

A sociedade brasileira não tem uma “cultura” já determinada. O Brasil é, ao mesmo tempo, um povo mestiço, com raízes indígenas, africanas, europeias e asiáticas, um país onde o ensino médio e universitário tem alcançado, em alguns setores, níveis internacionais de qualidade e um vasto território cruzado por uma rede de comunicações de massa portadora de uma indústria cultural cada vez mais presente.

O que se chama, portanto, de “cultura brasileira” nada tem de homogêneo ou de uniforme. A sua forma complexa e mutante resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas. Se algum valor deve presidir à ação do Poder Público no trato com a “cultura”, este não será outro que o da liberdade e o do respeito pelas manifestações espirituais as mais diversas que se vêm gestando no cotidiano do nosso povo. Em face dessa corrente de experiências e de significados tão díspares, a nossa Lei Maior deveria abster-se de propor normas incisivas, que soariam estranhas, porque exteriores à dialética das “culturas” brasileiras. Ao contrário, um certo grau de indeterminação no estilo de seus artigos e parágrafos é, aqui, recomendável.

(Adaptado de: BOSI, Alfredo. Entre a Literatura e a História. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 393-394)

19. FCC – CLDF - 2018

A frase *Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior (1º parágrafo)* é justificada pelo autor com base na sua convicção de que

- a) o Poder Público não pode interferir em qualquer aspecto de uma cultura nacional, que deve ser espontânea e livre do alcance da Constituição.
- b) a sociedade brasileira, conquanto não seja homogênea, é suficientemente madura para formular as normas que devem reger sua cultura tradicional.
- c) a complexidade das culturas brasileiras não deve ser objeto de uma legislação que venha a abranger e determinar tão diversas manifestações.
- d) o Estado não pode permitir que seja lacunosa a legislação sobre matérias culturais, que deve ser rigorosa e o mais específica possível.

e) a dinâmica das várias culturas existentes no país garante que não haja entre elas algum atrito que ponha em risco a impermeabilidade de cada uma.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Não é correto afirmar que o Estado não deve interferir de forma alguma. Este deve assegurar a liberdade de culto e manifestação. Isso fica bem claro no seguinte trecho: “Se algum valor deve presidir à ação do Poder Público no trato com a “cultura”, este não será outro que o da liberdade e o do respeito pelas manifestações espirituais as mais diversas que se vêm gestando no cotidiano do nosso povo.”.

Letra B – ERRADA – O texto não dá a entender que a sociedade brasileira já tenha alcançado um grau de maturidade no trato com a cultura, tanto que é pertinente assegurar a liberdade de manifestação e culto como forma proteger aquilo que se chama “cultura brasileira”.

Letra C – CERTA – Como são diversas as formas de manifestação cultural, o autor não julga pertinente detalhar excessivamente as normas e definir de forma rígida culturas tão díspares.

Isso fica muito claro em: “Em face dessa corrente de experiências e de significados tão díspares, a nossa Lei Maior deveria abster-se de propor normas incisivas, ... Ao contrário, um certo grau de indeterminação no estilo de seus artigos e parágrafos é, aqui, recomendável.”.

Letra D – ERRADA – É justamente o oposto. O tom lacônico (breve) e indeterminado é até bem-vindo, segundo o autor.

Letra E – ERRADA – Não ocorre essa garantia. Na verdade, é necessário assegurar o respeito à liberdade de culto e manifestação por meio de normas genéricas.

Resposta: C

20. FCC – CLDF - 2018

Se na esfera socioeconômica cabe ao Estado propiciar uma melhor distribuição de renda, na esfera dos bens simbólicos um objetivo equivalente se alcança com

- (A) uma configuração coerente da meta educacional com o sistema financeiro.
- (B) uma legislação escolar minuciosa com incentivos à pesquisa pura.
- (C) um processo de integração mais coeso entre produção e consumo cultural.
- (D) um sistema educacional voltado para a pesquisa de ponta e de longo prazo.
- (E) um programa de educação consistente aliado à pesquisa sistemática.

RESOLUÇÃO

Analisemos o trecho a seguir, em especial a parte em negrito:

*Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base cujo vetor é sempre a melhor distribuição da renda nacional. Na esfera dos bens simbólicos, esse objetivo se alcança, **em primeiro e principal lugar, construindo o suporte de um sistema educacional sólido conjugado com um programa de apoio à pesquisa igualmente coeso e contínuo.***

Letra A – ERRADA – Não há menção ao sistema financeiro, como podemos verificar no trecho destacado em negrito.

Letra B – ERRADA – Não há menção à pesquisa pura ou de ponta no trecho destacado em negrito.

Letra C – ERRADA – Não é produção e consumo o foco, e sim sistema educacional conjugado com apoio à pesquisa.

Letra D – ERRADA – Não há menção à pesquisa de ponta no trecho destacado em negrito.

Letra E – CERTA – De fato, sugere-se um sistema de educação sólido (programa de educação consistente) conjugado a apoio à pesquisa sistemática (contínua).

Resposta: E

21. FCC – CLDF - 2018

Um mesmo posicionamento do autor está expresso e ratificado nestes dois segmentos:

- a) O que se chama, portanto, de “cultura brasileira” (30 parágrafo) / propor normas incisivas (30 parágrafo).
- b) Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio (10 parágrafo) / um certo grau de indeterminação [...] é [...] recomendável (30 parágrafo).
- c) Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base (10 parágrafo) / resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas (30 parágrafo).
- d) Constituições [...] foram lacônicas (10 parágrafo) / suporte de um sistema educacional sólido (10 parágrafo).
- e) algum valor deve presidir à ação do Poder Público (30 parágrafo) / exteriores à dialética das culturas brasileiras (30 parágrafo).

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O trecho “O que se chama, portanto, de ‘cultura brasileira’” não consiste em uma opinião, e sim em um fato.

Letra B – CERTA – O trecho “Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio” consiste em uma opinião do autor, que não julga ser algo ruim a brevidade das menções à cultura. Isso é confirmado (ratificado) pelo autor, quando afirma que um grau de indeterminação das normas é até bem-vindo.

Letra C – ERRADA – O trecho “Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base” não consiste propriamente em uma opinião, mas em um fato, constante na Constituição.

Letra D – ERRADA – A necessidade de um sistema de educação sólido é apresentada como um meio para se alcançarem os objetivos de redução de desigualdade.

Letra E – ERRADA – O trecho “exteriores à dialética das culturas brasileiras” se refere a possíveis normas incisivas e excessivamente detalhadas relacionadas à cultura.

Resposta: B

Atenção: Para responder às questões de números 22 a 23, considere o texto a seguir.

Os deuses de Delfos

Segundo a mitologia, Zeus teria designado uma medida apropriada e um justo limite para cada ser: o governo do mundo coincide assim com uma harmonia precisa e mensurável, expressa nos quatro motes escritos nas paredes do templo de Delfos: “O mais justo é o mais belo”, “Observa o limite”, “Odeia a hybris (arrogância)”, “Nada em excesso”. Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza, em acordo com uma visão do mundo que interpreta a ordem e a harmonia como aquilo que impõe um limite ao “bocejante Caos”, de cuja goela saiu, segundo Hesíodo, o mundo. Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo, que, de fato, é representado entre as Musas no frontão ocidental do templo de Delfos.

Mas no mesmo templo (século IV a.C.), no frontão oriental figura Dioniso, deus do caos e da desenfreada infração de toda regra. Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual, embora só tenha sido tematizada na idade moderna, com Nietzsche. Em geral, ela exprime a possibilidade, sempre presente e verificando-se periodicamente, da irrupção do caos na beleza da harmonia. Mais especificamente, expressam-se aqui algumas antíteses significativas que permanecem sem solução dentro da concepção grega da Beleza, que se mostra bem mais complexa e problemática do que as simplificações operadas pela tradição clássica.

Uma primeira antítese é aquela entre beleza e percepção sensível. Se de fato a Beleza é perceptível, mas não completamente, pois nem tudo nela se exprime em formas sensíveis, abre-se uma perigosa oposição entre Aparência e Beleza: oposição que os artistas tentarão manter entreaberta, mas que um filósofo como Heráclito abrirá em toda a sua amplitude, afirmando que a Beleza harmônica do mundo se evidencia como casual desordem. Uma segunda antítese é aquela entre som e visão, as duas formas perceptivas privilegiadas pela concepção grega (provavelmente porque, ao contrário do cheiro e do sabor, são reconduzíveis a medidas e ordens numéricas): embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma, é somente às formas visíveis que se aplica a definição de belo (Kalón) como “aquilo que agrada e atrai”. Desordem e música vão, assim, constituir uma espécie de lado obscuro da Beleza apolínea harmônica e visível e como tais colocam-se na esfera de ação de Dioniso.

Esta diferença é compreensível se pensarmos que uma estátua devia representar uma “ideia” (presumindo, portanto, uma pacata contemplação), enquanto a música era entendida como algo que suscita paixões.

(ECO, Umberto. História da beleza. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2004, p. 55-56)

22. FCC - SEFAZ/GO - 2018

O autor organiza sua argumentação de modo a expor, no

- a) primeiro parágrafo, uma concepção moderna de beleza que se contrapõe ao senso comum grego ao abarcar a ideia do caos criativo.
- b) segundo parágrafo, uma visão inconsistente de beleza, ao contrariar os preceitos gregos de equilíbrio, moderação e harmonia.
- c) terceiro parágrafo, oposições na concepção grega de beleza, as quais se ligam à combinação dos princípios de ordem e caos.
- d) quarto parágrafo, uma conclusão que reafirma o argumento expresso anteriormente de que no conceito grego de beleza as oposições se nulificam.

e) terceiro e no quarto parágrafo, a opinião de que a beleza apolínea tem sido progressivamente substituída pelo conceito moderno de beleza dionisíaca.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O primeiro parágrafo não faz menção a uma ideia contemporânea de beleza, mas sim à visão grega clássica, que a associa à ordem e à harmonia.

Letra B – ERRADA – Sutil! A visão de beleza apresentada no 2º parágrafo faz menção à figura de Dionísio, deus do Caos, e parte da premissa de que é possível o caos surgir da harmonia da beleza. Não se pode afirmar, contudo, que a definição de beleza grega seja inconsistente (frágil). Ela é sim complexa, repleta de antíteses, como bem afirma o autor na seguinte passagem: "...concepção grega da Beleza, que se mostra bem mais complexa e problemática do que as simplificações operadas pela tradição clássica."

Outro argumento está no fato de que essa coabitação de duas divindades antitéticas (opostas) não é casual (acidental). Ela encontra explicação e foi pela primeira vez tematizada na Idade Moderna.

Letra C – CERTA – Exato! No parágrafo anterior, faz-se menção à presença de inúmeras antíteses. E o terceiro parágrafo as exemplifica: beleza versus percepção sensível; som versus visão.

Letra D – ERRADA – Não se trata propriamente de uma conclusão, mas sim de uma tentativa de explicação por meio de uma comparação: a harmonia estaria para a estátua, assim como a música para a paixão e desordem.

Outro erro consiste em afirmar que as oposições se anulam (se anulam), o que não é verdade. Elas convivem, segundo o autor. E é esse convívio de visões antitéticas que se torna alvo de estudo.

Letra E – ERRADA – Não ocorre uma substituição (troca) de uma visão por outra. Elas convivem e se manifestam por meio de antíteses.

Resposta: C

23.FCC – SEFAZ/GO - 2018

Um segmento do texto tem seu sentido adequadamente expresso em outras palavras em:

- a) uma medida apropriada e um justo limite (1º parágrafo) / uma medição precisa e um juízo restrito.
- b) Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza (1º parágrafo) / A partir destas convenções confutou-se o padrão grego da Beleza.
- c) Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo (1º parágrafo) / Esta interpretação é mantida sob a égide de Apolo.
- d) Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual (2º parágrafo) / Esse confronto de duas entidades opostas não é propositado.
- e) embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma (3º parágrafo) / conquanto se confira à música a prerrogativa de retundir a alma.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O adjetivo “apropriada” está associado à ideia de “adequada”, ao passo que “precisa” está associado à de “exata”. Além disso, a expressão “justo limite” está associada à ideia de “limite adequado”, ao passo que “juízo restrito” está associado à de “julgamento limitado, incompleto”.

Letra B – ERRADA - Exige-se do aluno o conhecimento do vocábulo “confutar”, que significa “contestar”. Essa ideia obviamente difere da ideia de “fundou-se”, associado a “origem”.

Letra C – CERTA – De fato, “proteção” e “égide” são sinônimos. O vocábulo “égide”, na mitologia grega, refere-se ao escudo da deusa Atena, dado pelo seu pai Zeus.

Letra D – ERRADA – O vocábulo “coabitação” está associado à ideia de “convívio”, diferente, assim, da ideia de “confronto”. Além disso, “casual” está associado à ideia de “acidental, desproposital, involuntário”.

Letra E – ERRADA – Os conectores “embora” e “conquanto” traduzem a ideia de concessão. Já “privilégio” pode sim ser substituído por “prerrogativa”, que também admite como sinônimo “obrigação”. O “fiel da balança” está no verbo “retundir”, que significa “reprimir”, justamente o oposto de “exprimir”.

A FCC exige, assim, do candidato um vocabulário erudito! Difícil!

Resposta: C

24. FCC - Analista Judiciário (TRE SP)/Administrativa/"Sem Especialidade"/2012**Bom para o sorveteiro**

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se comesse logo a repartir os bifés.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei

com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

O cronista ressalta aspectos **contrastantes** do caso de Saquarema, tal como se observa na relação entre estas duas expressões:

- a) *drama da baleia encalhada e três dias se debatendo na areia.*
- b) *em quinze minutos estava toda retalhada e foram disputadas as toneladas da vítima.*
- c) *se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência e levar pastéis e empadinhas para vender com ágio.*
- d) *o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar e lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema.*
- e) *Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás e Logo uma estatal, ó céus.*

RESOLUÇÃO

O texto opõe o sofrimento da baleia encalhada com o oportunismo de alguns, que se aproveitavam da ocasião para tirar vantagens financeiras. O autor é irônico ao se referir a essa falsa solidariedade. A letra C traz, dessa forma, essa oposição evidenciada nos trechos "*se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência*" - sofrimento da baleia - e "*levar pastéis e empadinhas para vender com ágio.*" - oportunismo.

Resposta: C

25.FCC - Analista Judiciário (TRE TO)/Administrativa/2011

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça. Vou lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

(Chico Buarque. **Leite derramado**, São Paulo, Cia. das Letras, 2009, p. 29)

Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

- I. Ao expressar o desejo de viver numa cidade *onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça*, o narrador incorre numa evidente e insolúvel contradição.
- II. A afirmação de que a *outra mulher teve uma educação rigorosa* é reafirmação, por contraste, de que aquela a quem o narrador se dirige não a teve, o que já estava implícito no propósito de lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho etc.
- III. Ao dizer que sua interlocutora *parece uma moça digna apesar da origem humilde*, o narrador sugere, por meio da concessiva, que a dignidade não costuma ser característica daqueles cuja origem é humilde.

Está correto o que se afirma em

- a) I, II e III.

- b) II e III, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) II, apenas.

RESOLUÇÃO

I - Falsa - No trecho *"Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça."*, não se trata de uma contradição o fato de pessoas cumprimentarem até mesmo aqueles que não conhecem. Isso pode ser interpretado como um simples ato de polidez (educação).

II - Verdadeira - De fato, embora o autor julgue a quem se dirige como uma pessoa que não teve acesso à instrução, confia na capacidade dessa mulher em aprender os bons modos (*Vou lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada...*).

III - Verdadeira - No trecho *"parece uma moça digna apesar da origem humilde"*, de fato, a conjunção concessiva "embora" opõe o fato de a pessoa ser humilde com ser digna, dando a entender uma pessoa humilde não costuma ser humilde.

Resposta: B

26. FCC - Analista Judiciário (TRE TO)/Administrativa/2011

Cartão de Natal

*Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar novo caderno,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de voo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:*

*que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem
o sim comer o não.*

João Cabral de Melo Neto

No poema, João Cabral

- a) critica o egoísmo, e manifesta o desejo de que na passagem do Natal as pessoas se tornem generosas e façam o *sim comer o não*.
- b) demonstra a sua aversão às festividades natalinas, pois *nestes dias a aventura parece em ponto de vôo*, mas depois a rotina segue como sempre.
- c) critica a *atração núbil para o dente* daqueles que transformam o Natal em uma apologia ao consumo e se esquecem do seu caráter religioso.
- d) observa com otimismo que o Natal é um momento de renovação em que os homens se transformam para melhor e fazem o *ferro comer a ferrugem*.
- e) manifesta a esperança de que o Natal traga, de fato, uma transformação, e que, ao contrário de outros natais, seja possível *começar novo caderno*.

RESOLUÇÃO

Letra A - ERRADO - Não no poema referência a atitudes egoístas. Há sim um sentimento de esperança de que este Natal possa de fato transformar as pessoas. É o que se observa nos versos "*que o entusiasmo conserve vivas/suas molas,/e possa enfim o ferro/comer a ferrugem/o sim comer o não*".

Letra B - ERRADO - Há uma apologia às festas natalinas, celebradas como uma oportunidade de mudanças. É o que se observa nos versos "*Pois que reinaugurando essa criança/pensam os homens/reinaugurar a sua vida/e começar novo caderno*".

Letra C - ERRADO - No trecho "*que desta vez não perca esse caderno/sua atração núbil para o dente*", não se opõe o caráter religioso ao apelo do consumo. O que ocorre no texto é um alerta no sentido de evitar a mesmice de outros períodos natalinos, em que as mudanças prometidas não se concretizaram.

Letra D - ERRADO - O período natalino é uma oportunidade para mudanças, não significando que estas já tenham se concretizado. O texto expressa uma esperança de que este Natal seja diferente dos demais e que, enfim, as mudanças possam ocorrer. O verso "*que desta vez não perca esse caderno*" expressa bem esse desejo.

Letra E - CERTO - O verso "*que desta vez não perca esse caderno*" ilustra bem esse desejo.

Resposta: E

27.FCC - Analista Judiciário (TRT 1ª Região)/Apoio Especializado/Arquivologia/2011

Os habitantes das cidades não são necessariamente mais inteligentes que outros seres humanos, mas a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Encarar tais problemas amplia a inventividade humana a um nível sem precedentes. Isso, por sua vez, oferece uma oportunidade tentadora para quem vive em lugares mais tranquilos, porém menos promissores.

Ao migrarem para as cidades, as pessoas de fora geralmente trazem "novas maneiras de ver as coisas e talvez de resolver antigos problemas". Coisas familiares aos moradores antigos e já estabelecidos exigem explicação quando vistas pelos olhos de um estranho. Os recém-chegados são inimigos da tranquilidade.

Essa talvez não seja uma situação agradável para os nativos da cidade, mas é também sua grande vantagem. A cidade está em sua melhor forma quando seus recursos são desafiados. Michael Storper, economista, geógrafo e projetista, atribui a vivacidade intrínseca da densa vida urbana à incerteza que advém dos relacionamentos pouco coordenados "entre as peças das organizações complexas, entre os indivíduos e entre estes e as organizações".

Compartilhar o espaço com estranhos é uma condição da qual os habitantes das cidades consideram difícil, talvez impossível, fugir. A presença ubíqua de estranhos é fonte de ansiedade, assim como de uma agressividade que volta e meia pode emergir. Faz-se necessário experimentar, tentar, testar e (espera-se) encontrar um modo de tornar a coabitação palatável. Essa necessidade é "dada", não-negociável. Mas o modo como os habitantes de cada cidade se conduzem para satisfazê-la é questão de escolha. E esta é feita diariamente.

(Adaptado de Zygmunt Bauman. Amor Líquido. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004, pp. 127-130)

Os recém-chegados são inimigos da tranquilidade. (2o parágrafo)**Com a afirmação acima, o autor**

- a) indica que as migrações típicas do mundo globalizado trazem consequências negativas para o modo de organização das cidades.
- b) sugere que o impacto do aumento populacional crescente nos dias atuais é perturbador para os moradores das cidades.
- c) questiona os supostos benefícios que as pessoas de fora trariam ao se estabelecer em novos centros urbanos.
- d) critica o impulso de migrar para grandes centros urbanos, já saturados, por parte das pessoas que moram em lugares calmos.
- e) enaltece a inquietação gerada pelas pessoas que migram para as cidades e questionam o modo de vida que nelas encontram.

RESOLUÇÃO

Letra A - ERRADA - Ao contrário, o autor entende como positiva a contribuição das observações dos que chegam nas grandes cidades. É o que se entende do trecho: "***Os recém-chegados são inimigos da tranquilidade. Essa talvez não seja uma situação agradável para os nativos da cidade, mas é também sua grande vantagem. A cidade está em sua melhor forma quando seus recursos são desafiados.***".

Letra B - ERRADA - A expressão tem uma conotação positiva, e não negativa como sugere a redação da opção. A quebra da tranquilidade, citada no texto, está atrelada a um novo olhar dos estranhos, que traz benefícios para as cidades. É o que fica claro no seguinte trecho: *"Ao migrarem para as cidades, as pessoas de fora geralmente trazem "novas maneiras de ver as coisas e talvez de resolver antigos problemas""*.

Letra C – ERRADA - O texto não questiona (põe em dúvida), e sim enfatiza tal contribuição. É o que fica claro no seguinte trecho: *"Ao migrarem para as cidades, as pessoas de fora geralmente trazem "novas maneiras de ver as coisas e talvez de resolver antigos problemas.""*.

Letra D - ERRADA - Não há presente no texto uma crítica às migrações para as cidades. Elas são vistas de forma positiva.

Letra E - CERTA - Essa inquietação e esse questionamento por parte dos que migram para as cidades trazem benefícios para esta. É o que fica claro no trecho: *"Coisas familiares aos moradores antigos e já estabelecidos exigem explicação quando vistas pelos olhos de um estranho."*

Resposta: E

Texto para as questões 28 a 29

A liberdade enriquece

A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espraia para todos os lugares. Isso é o que imaginava Ludwig von Mises, o arquiteto mais destacado da escola austríaca de economistas neoclássicos. Ele estava errado: a liberdade nasceu no continente da política, mais propriamente como liberdade de expressão – o direito de imprimir sem licença. O parto deu-se pelas mãos do poeta e polemista John Milton, em 1644, no epicentro da Guerra Civil Inglesa entre o Parlamento e a Monarquia. Naquele ano, Milton publicou a *Aeropagítica*, fonte do mais clássico dos argumentos racionais contra a censura: os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más.

Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia. A Grã-Bretanha acabou seguindo o caminho preconizado por Milton e se converteu na maior potência do mundo. Os Estados Unidos, com sua Primeira Emenda à Constituição – que proíbe a edição de leis que limitem a liberdade de religião, a liberdade de expressão e de imprensa ou o direito de reunião pacífica –, assumiram o primeiro posto no século XX. Liberdade funciona, pois a criatividade é filha da crítica.

(Trecho adaptado de Demétrio Magnoli. Veja, 22 de setembro de 2010, pp. 80-81)

28. INÉDITA

Considerando-se o teor do texto, é correto afirmar:

- a) Trata-se de um texto opinativo, em que o autor, apoiando-se em teorias e oferecendo exemplos de sucesso, tece comentários a respeito da relação entre liberdade e desenvolvimento econômico.
- b) Há crítica em relação ao papel desempenhado na economia de alguns países por proposições hipotéticas de poetas e economistas sob influência de escolas estrangeiras.
- c) No 20 parágrafo encontra-se defesa por inteiro da opinião do economista austríaco, em flagrante contradição com a observação de que ele havia se enganado, como consta do 10 parágrafo.

d) O título se volta para a comprovação da tese do poeta inglês de que o desenvolvimento econômico de uma nação se associa inequivocamente à racionalidade de seus cidadãos.

e) O autor se baseia em opiniões polêmicas de defensores da liberdade de expressão para enaltecer a política colonialista de ingleses e de norte-americanos, entre os séculos XVII e XX.

RESOLUÇÃO

Letra A - CERTA - De fato, o texto traz uma tese acerca da importância do conceito de liberdade no desenvolvimento de uma nação. Isso fica bem explícito no trecho "*Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo,*" e nos exemplos de nações desenvolvidas apresentados, entre elas Grã-Bretanha e EUA, que assumem a liberdade de expressão como algo soberano.

Letra B - ERRADA - O papel desempenhado na economia de alguns países não é contestado pelo texto. O que o texto faz é apenas dissociar o conceito de liberdade atrelado à economia, pois considera aquela mais abrangente que esta. É o que fica bem explícito no trecho "*Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia.*".

Letra C - ERRADA - Não há uma contradição, pois a afirmação do 20 parágrafo ("*Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia.*".) não invalida o conteúdo do 10 (*A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espalha para todos os lugares. Isso é o que imaginava Ludwig von Mises*). O que há é uma ressalva: von Mises estava errado, mas não em tudo.

Letra D - ERRADA - Não especificamente, pois a tese do poeta britânico - *os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más* - está relacionada ao fato de seres humanos, como seres racionais que são, serem capazes de diferenciar as ideias boas das más. O fato de as nações enriquecerem vem como um possível efeito dessa tese.

Letra E - ERRADA - Essa redação extrapola o texto: não há menção às políticas colonialistas de ingleses e americanos. Além disso, as opiniões diversas acerca do conceito de liberdade apresentam pontos em comum, não sendo diametralmente opostas.

Resposta: A

29. FCC - Analista Judiciário (TRT 1ª Região)/Apoio Especializado/Arquivologia/2011

A última frase do texto

a) vem confirmar a opinião do autor de que a liberdade se impôs na Inglaterra e nos Estados Unidos por ser decorrente do desenvolvimento econômico dessas nações.

b) comprova o equívoco cometido pelo economista austríaco, pois liberdade de expressão e sucesso econômico são conceitos que se encontram em campos diferenciados da atividade humana.

c) pretende demonstrar que o espírito crítico, ainda que associado à liberdade de expressão, nem sempre se mostra suficiente para garantir a estabilidade econômica de uma grande nação.

d) constitui um fecho coerente de todo o desenvolvimento, com base na defesa da capacidade de discernimento dos seres humanos e da importância da liberdade para o sucesso da economia.

e) conclui objetivamente a teoria, exposta por Ludwig von Mises e complementada pelo poeta John Milton, de que a origem e a importância da liberdade, bem como os valores dela decorrentes, pertencem ao terreno da economia.

RESOLUÇÃO

Letra A - ERRADA - Ocorre uma inversão da relação causa-efeito: não é a liberdade que é consequência do desenvolvimento econômico, como se afirma na opção; o desenvolvimento econômico é que é uma das consequências da liberdade. Isso pode ser constatado no trecho *"A Grã-Bretanha acabou seguindo o caminho preconizado por Milton e se converteu na maior potência do mundo. Os Estados Unidos, com sua Primeira Emenda à Constituição – que proíbe a edição de leis que limitem a liberdade de religião, a liberdade de expressão e de imprensa ou o direito de reunião pacífica..."*. Os exemplos de Grã-Bretanha e EUA evidenciam que a defesa da liberdade permite que os países se desenvolvam economicamente.

Letra B - ERRADA - O equívoco de von Mises, segundo o autor, está em definir a origem da liberdade na economia. Segundo o poeta John Milton, essa origem está na política. No entanto, o autor não põe a liberdade de expressão e a economia em campos opostos. Ao contrário, define esta como fortemente influenciada por aquela. É o que se constata nos exemplos apresentados de Grã-Bretanha e EUA, nações desenvolvidas economicamente, que sempre prezaram pela liberdade.

Letra C - ERRADA - A última frase endossa que o espírito crítico é bastante importante para que a nação avance como economia. Isso fica bem evidente nos exemplos apresentados de Grã-Bretanha e EUA, nações desenvolvidas economicamente, que sempre prezaram pela liberdade.

Letra D - CERTA - De fato, o trecho *"Liberdade funciona, pois a criatividade é filha da crítica."* endossa a tese de John Milton - *os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más* -, que servia de contra-argumento às propostas de censura. Dessa forma, é possível avaliar de forma crítica as escolhas e tomar decisões que levem ao sucesso no âmbito econômico, como ocorreu com Grã-Bretanha e Estados Unidos.

Letra E - ERRADA - Segundo von Mises, a liberdade tem sua origem na economia (*A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espraia para todos os lugares...*), enquanto que John Milton define a origem da liberdade no campo da política (*Ele [von Mises] estava errado: a liberdade nasceu no continente da política...*).

Resposta: D

30. INÉDITA

Trânsito mata mais do que assassinatos no Brasil

Quando a maioria da população, com razão, está escandalizada com a violência que impera nas cidades do País, um outro número não recebe tanta atenção quanto os cerca de 60 mil assassinatos registrados anualmente no Brasil. No trânsito, morrerão, neste ano de 2018, segundo estimativas oficiais, 80 mil pessoas. A projeção está baseada no fato de que, nos primeiros meses do ano, os acidentes de trânsito já provocaram 19.398 mil mortes e 20 mil casos de invalidez permanente no País. Os dados são do Centro de Pesquisa e Economia do Seguro, órgão da Escola Nacional de Seguros. As principais vítimas são homens de 18 a 65 anos e motociclistas.

Além das mortes e sequelas as mais diversas, muitas deixando inválidos pelo resto da vida homens, mulheres e crianças, pessoas jovens, ainda há um brutal prejuízo, calculado em torno dos R\$ 96 bilhões pelas faltas ao trabalho dos acidentados.

Ora, tantas vítimas mostram um quadro de insegurança que está presente e que vem ceifando, dia após dia, vidas nas ruas, avenidas e, muito mais, nas rodovias da nação. Pois, da mesma forma que todos condenam o grande número de mortes violentas por conta do tráfico de drogas, da disputa entre gangues, de desavenças familiares, pouca atenção é dada para o massacre que ocorre no trânsito. Da mesma forma que se pede mais educação, devemos nos lembrar que a educação no trânsito é mais do que importante.

Jornal do Comércio

(https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/opiniaio/2018/09/648589-transito-mata-mais-do-que-assassinatos-no-brasil.html)

A mensagem principal do editorial é que:

- a) a violência no trânsito não é considerada um assunto importante.
- b) as mortes por acidentes de trânsito superaram as por homicídios.
- c) a sociedade está chocada com o número de homicídios.
- d) as mortes no trânsito não geram tanta comoção.
- e) a educação no trânsito é negligenciada no currículo escolar brasileiro.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – A mensagem do texto não é que as pessoas não consideram a violência no trânsito algo importante. O que o texto afirma é que as pessoas deveriam se importar mais com o problema.

Letra B – ERRADA – De fato, isso é dito com todas as letras no texto, mas não corresponde à mensagem principal nele trazida. Trata-se de uma informação que serve de sustentação à tese de que as pessoas se preocupam menos do que deveriam com o problema da violência no trânsito.

Letra C – ERRADA – De fato, isso é dito no texto, mas o foco principal está no fato de as pessoas não manifestarem tamanha comoção com a violência no trânsito.

Letra D – CERTA – De fato, no entendimento do editorial, as pessoas minimizam a gravidade do problema, a despeito de as mortes por acidentes de trânsito superarem as por homicídio.

Letra E – ERRADA – De fato, o texto menciona a pouca importância dada à educação no trânsito. No entanto, sua mensagem principal se concentra no fato de a sociedade minimizar o problema da violência no trânsito.

Resposta: D

31. INÉDITA

Os programas de investigação criminal de ficção não reproduzem corretamente o que ocorre na vida real quando o assunto são as técnicas científicas: um cientista forense da Universidade de Maryland estima que cerca de 40% do que é mostrado no CSI não existe. Os investigadores verdadeiros não conseguem ser tão precisos quanto suas contrapartes televisivas. Ao analisar uma amostra desconhecida em um aparelho com telas brilhantes e luzes piscantes, o investigador de um desses seriados pode conseguir uma resposta do tipo “batom da marca X, cor 42, lote A-439”. O mesmo personagem talvez interroge um suspeito e declare “sabemos que a vítima estava com você, pois identificamos o batom dela no seu colarinho”. No mundo real, os resultados quase nunca são tão exatos, e o investigador forense provavelmente não confrontaria diretamente um suspeito. Esse desencontro entre ficção e realidade pode acarretar consequências bizarras. Em Knoxville, Tennessee, um policial relatou: “Estou com um homem cujo carro foi roubado. Ele viu uma fibra vermelha no banco traseiro e quer que eu descubra de onde ela veio, em que loja foi comprada e qual cartão de crédito foi usado”.

De acordo com o texto, os programas de investigação criminal não reproduzem corretamente a realidade, pois

- a) subjugam a complexidade das técnicas científicas.
- b) superestimam a complexidade dos casos.
- c) minimizam a importância das pistas coletadas.
- d) limitam a atuação dos investigadores.
- e) exageram na minúcia das informações obtidas na investigação.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Na verdade, as séries superestimam a eficácia das técnicas científicas empregadas numa investigação, na medida em que apresentam dados num grau de minúcia dificilmente alcançado.

Letra B – ERRADA – O texto não exagera na complexidade dos casos. Na verdade, ele critica o exagerado detalhamento na apresentação de provas exibidas nas séries, que não corresponde à realidade.

Letra C – ERRADA – O texto não desconsidera as provas apresentadas, mas sim critica o excessivo detalhamento, algo impraticável na realidade.

Letra D – ERRADA – Justamente o contrário. Uma das críticas se deve ao fato de as séries retratarem o investigador como multifuncional – além de coletar provas, ele interroga o suspeito.

Letra E – CERTA – Exato! O grau de detalhamento apresentado dificilmente corresponde ao resultado na realidade.

Resposta: E

32. INÉDITA

Entre os Maoris, um povo polinésio, existe uma dança destinada a proteger as sementeiras de batatas, que quando novas são muito vulneráveis aos ventos do leste: as mulheres executam a dança, entre os batatais, simulando com os movimentos dos corpos o vento, a chuva, o desenvolvimento e o florescimento do batatal, sendo esta dança acompanhada de uma canção que é um apelo para que o batatal siga o exemplo do bailado. As mulheres interpretam em fantasia a realização prática de um desejo. É nisto que consiste a magia: uma técnica ilusória destinada a suplementar a técnica real. Mas essa técnica ilusória não é vã. A dança não pode exercer qualquer efeito direto sobre as batatas, mas pode ter (como de fato tem) um efeito apreciável sobre as mulheres. Inspiradas pela convicção de que a dança protege a colheita, entregam-se ao trabalho com mais confiança e mais energia. E, deste modo, a dança acaba, afinal, por ter um efeito sobre a colheita.

(George Thomson)

O texto descreve o uso da dança como marca de manifestação cultural de um povo. De acordo com o exposto, nos Maoris, essa prática tem como efeito direto:

- a) o abandono de técnicas consagradas.
- b) o fortalecimento das sementeiras de batatas.
- c) a convicção na efetividade das técnicas reais.
- d) uma mudança de comportamento no trabalho.
- e) uma maior produção de batatas.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O texto não dá a entender que técnicas consagradas sejam abandonadas. Elas são sim, segundo o texto, suplementadas.

Letra B – ERRADA – O efeito direto não se dá sobre a plantação de batatas, e sim sobre a forma de trabalhar das mulheres. O aumento da produção é um efeito indireto, e não direto.

Letra C – ERRADA – As técnicas reais, conforme afirmado no texto, são suplementadas pela técnica ilusória.

Letra D – CERTA – De fato, o efeito imediato é uma mudança de comportamento no trabalho das mulheres, que faz com que elas se tornem mais produtivas. O aumento de produção é, dessa forma, um efeito indireto, e não direto.

Letra E – ERRADA – Trata-se de um efeito indireto, e não direto.

Resposta: D

33. INÉDITA

Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em português, mas em uma língua de origem indígena, derivada do tupi e chamada língua brasílica, brasileira ou, mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista, que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia do país e na língua portuguesa. São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé, sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma bucólica paisagem inglesa.

Com base na leitura do texto, é possível afirmar que a principal intenção do autor é:

- a) enfatizar a influência da língua geral no português falado atualmente no Brasil, enaltecendo sua expressividade singular.
- b) evidenciar o português falado pelos caipiras, destacando a forma bem-humorada com que se comunicam.
- c) comparar a expressividade do português falado no Brasil, parte herdado de antigas línguas indígenas, com a da língua inglesa.
- d) destacar a clareza de comunicação como marca identificadora do português falado no Brasil.
- e) explicar a origem e o significado de expressões usadas no português falado no Brasil, como “jururu” e “igarapé”.

RESOLUÇÃO

Letra A – CERTA – Observemos o seguinte trecho: “São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho”. Nele é possível identificar o objetivo comunicativo do autor, que consiste em enfatizar a expressividade da língua geral e sua influência na formação do atual português. Sem essas expressões, não haveria uma diferenciação relevante em termos de expressividade do português falado no Brasil para outras línguas.

Letra B – ERRADA – O foco do texto não se concentra propriamente no falar do caipira, nem sua intenção é destacar a forma bem-humorada da comunicação, embora esta não seja negada. O objetivo é destacar a influência da língua geral na formação do português falado no Brasil.

Letra C – ERRADA - A comparação em termos de expressividade entre a língua portuguesa e a inglesa até se faz no texto, mas não consiste no objetivo comunicativo principal do texto.

Letra D – ERRADA -Não é a clareza a marca identificadora do português falado no Brasil, mas sim sua expressividade.

Letra E – ERRADA - Os significados e origens dos vocábulos “jururu” e “igarapé” são até apresentados no texto, mas como exemplos, e não como o propósito central do texto.

Resposta: A

34. INÉDITA

As amigas Beatriz Ismael, Aline Secone e Pietra Favarin, todas com 18 anos, já perderam a conta de quanto tempo passam com o celular na mão. Conversas no WhatsApp, atualizações nas redes sociais, novidades no Snapchat: é muita coisa para acompanhar. Basta o aparelho vibrar para baixarem a cabeça a fim de verificar o que está acontecendo. Beatriz, Aline e Pietra talvez não percebam agora, mas o fato de passar horas com a cabeça curvada por causa do celular ou tablete pode acarretar sérias consequências futuras para elas.

O alerta é de médicos sobre o uso exagerado desses aparelhos por crianças e adolescentes. Pietra admite que fica tanto tempo usando o celular que seu braço chega a adormecer. Já Aline e Beatriz afirmam que não sentem dor alguma. Segundo o ortopedista e traumatologista Guaracy Carvalho Filho, professor da Faculdade de Medicina de Rio Preto (Famerp), a ausência de dores imediatas por causa da cabeça curvada é comum nos jovens que compõem a 'geração da cabeça baixa'. "É óbvio que eles não vão sentir dores agora.

A estrutura corporal é mais flexível, mas quando chegarem à fase adulta provavelmente vão sentir dores provocadas pela postura errada quando jovens." E é por causa da ausência de reclamações que os pais ou responsáveis devem prestar atenção nas crianças e nos adolescentes, segundo o médico. "Em princípio, a cabeça curvada para baixo resulta em uma alteração postural. Entre os 13 e 14 anos, o enrijecimento acontece mais rápido. Evoluindo de uma alteração para uma desvio de coluna."

https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/2016/01/cidades/saude/667159-uso-excessivo-de-celular-afeta-postura-do-jovem-e-coloca-seu-corpo-em-risco.html

Ao abordar os impactos gerados pelo uso excessivo de smartphones, o texto enfatiza:

- a) as queixas de jovens com dores precoces resultado da má postura corporal.
- b) as complicações posturais em adultos que curvam a cabeça quando usam celular.
- c) as alterações posturais em jovens que podem resultar em dores na idade adulta.
- d) as sequelas posturais imediatas em jovens resultado do uso excessivo do celular.
- e) a perda de flexibilidade corporal em crianças devido à ausência de reclamação por parte dos pais.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Como mencionado no texto, os jovens não se queixam de dores. Estas podem se manifestar no futuro como resultado da má postura corporal.

Letra B – ERRADA – O texto foca a atenção não nos adultos, mas nos jovens.

Letra C – CERTA – De fato, as posturas inadequadas dos jovens, segundo o texto, podem gerar dores na idade adulta.

Letra D – ERRADA – As sequelas não são imediatas. Elas podem se manifestar futuramente, na idade adulta.

Letra E – ERRADA – Não há perda de flexibilidade corporal em crianças. O que o texto afirma é que as sequelas resultados da inadequada postura corporal de crianças e jovens podem se manifestar no futuro.

Resposta: C

35. INÉDITA

Apesar da nova era em que vivemos, materiais impressos dificilmente deixarão de existir. A divulgação de serviços pela internet tem o custo menor, isso é fato, além de diversas outras vantagens, mas para atingir um público mais abrangente e com hábitos de consumo diferentes, o material impresso é fundamental, pois apesar de vivermos na era digital, muitos ainda preferem o material impresso. É preciso adequar o conteúdo para as duas plataformas, assim a empresa conseguirá atingir todos os públicos e mercados.

Outro item que faz dos impressos uma importante ferramenta de comunicação é a veracidade e a credibilidade das informações. No mundo digital, é praticamente impossível regularizar o conteúdo. Qualquer pessoa pode postar qualquer informação, sem analisar a precisão do conteúdo. Além disso, uma informação armazenada eletronicamente pode ser modificada de uma maneira muito fácil. Já o impresso é palpável, com maior visibilidade e facilidade na memorização do conteúdo.

<https://utidasideias.com.br/index.php?/blog/midia-impressa/mas-o-que-e-midia-impressa>

O trecho reproduzido aborda como as empresas de conteúdo devem lidar com as mídias impressas e digitais, visando atingir os diversos públicos e mercados. Sua principal linha de argumentação consiste em:

- a) afirmar que os conteúdos digitais são capazes de atingir um público mais abrangente.
- b) propor a adaptação de conteúdos didáticos para as duas plataformas: impressa e digital.
- c) alertar o leitor de que conteúdos digitais podem ser facilmente modificados.
- d) enfatizar as significativas aceitabilidade e credibilidade dos materiais impressos.
- e) defender a adoção de comunicação predominantemente impressa.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O texto não foca sua atenção na versatilidade dos conteúdos digitais, mas sim na credibilidade e aceitação dos materiais impressos.

Letra B – ERRADA – A principal linha de argumentação do texto não é propor adoção das duas plataformas, mas enfatizar a ainda significativa aceitação dos materiais impressos.

Letra C – ERRADA – Não trata o texto de um alerta, mas sim de uma constatação.

Letra D – CERTA – De fato! O texto dá destaque à ainda significativa aceitação por parte do público dos materiais impressos e da associação destes à ideia de veracidade e credibilidade.

Letra E – ERRADA – O texto não dá a entender que a comunicação precise ser predominantemente impressa. Dá a entender sim que esta não pode ser descartada.

Resposta: D

Lista de Questões

Texto para as questões 01 e 02

Quem não gosta de samba

“Como se dá que ritmos e melodias, embora tão somente sons, se assemelhem a estados da alma?”, pergunta Aristóteles. Há pessoas que não suportam a música; mas há também uma venerável linhagem de moralistas que não suporta a ideia do que a música é capaz de suscitar nos ouvintes. Platão condenou certas escalas e ritmos musicais e propôs que fossem banidos da cidade ideal. Santo Agostinho confessou-se vulnerável aos “prazeres do ouvido” e se penitenciou por sua irrefreável propensão ao “pecado da lascívia musical”. Calvino alerta os fiéis contra os perigos do caos, volúpia e emefinação que ela provoca. Descartes temia que a música pudesse superexcitar a imaginação.

O que todo esse medo da música – ou de certos tipos de música – sugere? O vigor e o tom dos ataques traem o melindre. Eles revelam não só aquilo que afirmam – a crença num suposto perigo moral da música –, mas também o que deixam transparecer. O pavor pressupõe uma viva percepção da ameaça. Será exagero, portanto, detectar nesses ataques um índice da especial força da sensualidade justamente naqueles que tanto se empenharam em preveni-la e erradicá-la nos outros?

O que mais violentamente repudiamos está em nós mesmos. Por vias oblíquas ou com plena ciência do fato, nossos respeitáveis moralistas sabiam muito bem do que estavam falando.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 23-24)

1. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

O que une as posições que uma venerável linhagem de moralistas manifestou é, segundo as convicções do autor do texto,

- a) a aversão que todos eles demonstram pelo poder democrático que a música em especial, dentre todas as artes, expande nas mais diversas culturas.
- b) a incapacidade que todos manifestam de se sentirem de algum modo tocados pelos elementos da música que julgam nocivos à moralidade.
- c) o reconhecimento comum de que a música, ao propiciar momentos tão agradáveis, distrai os homens de suas responsabilidades profissionais.
- d) o repúdio ao que há justamente de prazeroso e encantatório na música, o que revela que também eles são sensíveis aos efeitos dessa arte.
- e) a crítica que fazem todos ao culto do ócio e da improdutividade, vícios que esses moralistas acusam a arte musical de disseminar entre todos nós.

2. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

A frase *O vigor e o tom dos ataques traem o melindre* contém um **argumento** semelhante ao que está nesta outra frase:

- a) nossos respeitáveis moralistas sabiam muito bem do que estavam falando.
- b) Há pessoas que não suportam a música...
- c) Platão condenou certas escalas e ritmos musicais...
- d) O que todo esse medo da música [...] sugere?
- e) O que mais violentamente repudiamos está em nós mesmos.

Texto para as questões 03 e 04**Limites da propriedade**

Direito à terra? Sim. O problema está em onde se colocam as cercas.

Tenho, numa árvore, um daqueles bebedouros para beija-flores. E um deles já tomou posse. Quando aparece qualquer intruso, lá vem ele, como uma flecha, defender sua água. É a própria vida que determina o círculo de espaço que lhe pertence, que lhe é próprio. Daí, propriedade: aquilo que não me é estranho, que é parte de mim mesmo, que não pode ser tocado sem que eu sinta. O espaço que é propriedade do meu corpo é um dos direitos que a vida tem. Os limites da minha terra são os limites do que necessito para viver.

Mas há aqueles que fincam cercas para além dos limites da necessidade do seu corpo. Quando a terra é, de fato, uma propriedade, algo que é próprio ao corpo, ela está sendo constantemente transformada em vida. Mas quando a terra é mais do que meu corpo necessita, ela deixa de ser vida e se transforma em lucro. Lucro é aquilo que não foi consumido pela vida.

(Adaptado de: ALVES, Rubem. *Tempus fugit*. São Paulo: Paulus, 1990, p. 33-34)

3. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

Mantendo, ao longo do texto, convicção quanto ao que sejam os limites da propriedade, o autor

- a) restringe o direito à posse da terra aos que não desconhecem o valor econômico dos investimentos a que ela convida para se tornar cada vez mais valiosa.
- b) defende com intransigência a propriedade da terra, desde que subordinada a princípios morais e éticos que a tradição cultural de um país deve especificar quais sejam.
- c) subordina o direito à terra à condição de que ela deve servir para atender as necessidades essenciais que se apresentam na vida de cada um.
- d) equipara o direito à propriedade da terra aos direitos humanos, razão pela qual defende o máximo de clareza legislativa ao definir os limites de uma propriedade.
- e) condiciona o estabelecimento dos limites de uma propriedade aos critérios que o proprietário mesmo deve bem definir para justificar as terras que possui e administra.

4. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

O segmento em que se destaca a desconsideração de um princípio de justiça defendido ao longo do texto é

- a) fincam cercas para além dos limites da necessidade...
- b) ela está sendo constantemente transformada em vida.
- c) É a própria vida que determina o círculo de espaço que lhe pertence...
- d) O espaço que é propriedade do meu corpo é um dos direitos que a vida tem.
- e) propriedade: aquilo que não me é estranho, que é parte de mim mesmo...

5. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019**Planos da natureza**

Gabam-se os homens de serem hábeis planejadores. E somos. Mas não queiramos exclusividade absoluta. A natureza é a rainha dos planejamentos. Aprendemos com ela a identificar para cada necessidade seu melhor atendimento. Mas fomos além: chegamos a criar carências só pelo prazer de atendê-las.

Exemplo? Ouve-se a toda hora: não sei o que seria de mim sem meu celular. Foram necessários milhares de anos para o homem finalmente descobrir o que lhe é vital: um smartphone. "Com ele planejo meu dia, me oriento, me situo na vida" – dirá um contemporâneo. De fato, o planejamento, como ferramenta da previsão e da organização do trabalho eficaz e necessário, muitas vezes revela-se indispensável. Mas quando quero me certificar da vantagem de um planejamento, observo a natureza, em algum plano que ela traçou para manter vivas suas leis essenciais. E alguém duvida de que ela tenha suas próprias razões de planejamento?

(Aristeu Villas-Boas, inédito)

Ao estabelecer no texto uma relação entre planejamento da natureza e planejamento humano, o autor considera que

- a) ambos se contradizem, uma vez que o homem passou a planejar fora de qualquer controle da natureza.
- b) a necessidade de planejar do homem espelha a qualificação da natureza em atender aos propósitos dela mesma.
- c) a natureza tem toda a primazia em seus planejamentos, não sabendo o homem inovar ou afastar-se deles.
- d) eles se complementam, já que cabe ao homem corrigir o que haja de impróprio nos planos da natureza.
- e) o elemento comum entre ambos comprova-se na plena harmonia de seus respectivos objetivos.

Texto para as questões 06 e 07

Mesopotâmia*

Perto de minha casa um rio
seguia rumoroso e pobre,
mas sempre havia quem buscasse
um seixo, um peixe, uma lembrança.

Eram meninos e eram homens
muito mais pobres do que ele,
curvados sobre a água escura
mesmo sob o sol de dezembro.

Pequenos caracóis, viscosos
abrigos de um destino só
na infância, a percorrer as léguas
de schistosoma e solidão.

À noite, eu pensava que o mundo
era composto só de rios
e de crianças que tentavam
a todo custo atravessá-los.

E ninguém me explicava nunca
que na verdade, em minha vida,
apenas um riozinho de águas,
sempre escassas, corria perto.

*Mesopotâmia: região entre os rios Tigre e Eufrates, considerada
o berço da civilização.

(MELO, Alberto da Cunha. Poesia completa. Rio de Janeiro, Record, 2017)

6. FCC - Assistente de Gestão Pública (Pref Recife)/2019

No contexto do poema, as águas escassas simbolizam

- a) a falta de identidade de uma população que não se organiza em prol do bem comum.
- b) a pobreza do sujeito poético, que se revolta contra a subserviência de seus pares.
- c) a ascensão social dos cidadãos capazes de se desprender de suas origens.
- d) a precariedade de recursos de uma comunidade negligenciada pelo poder público.
- e) o exotismo de uma região pouco explorada em termos socioeconômicos.

7. FCC - Assistente de Gestão Pública (Pref Recife)/2019

Em uma das leituras possíveis do poema, os versos *mas sempre havia quem buscasse / um seixo, um peixe, uma lembrança* expressam, por parte do sujeito de buscasse, sentimento de

- a) preocupação e passividade estéril.
- b) esperança e espírito de sobrevivência.
- c) alienação e comportamento egoísta.
- d) revolta e engajamento político.
- e) desamparo e postura servil.

8. FCC - Analista de Fomento (AFAP)/Advogado/2019 (e mais 4 concursos)

[Beleza e propaganda]

A crescente padronização do ideal de beleza feminina foi um dos efeitos imprevistos da popularização da fotografia, das revistas de grande circulação e do cinema a partir do início do século XX. Não é à toa que esse movimento coincide com a decolagem e vertiginosa ascensão da indústria da beleza (hoje um mercado com receita global acima de 200 bilhões de dólares). Como vender “a esperança dentro de um pote?”

As estratégias variam ao infinito, porém a mais diabólica e (possivelmente) eficaz dentre todas – verdadeira premissa oculta do marketing da beleza – foi explicitada com brutal franqueza, em 1953, pelo então presidente da megavarejista de cosméticos americana Allied Stores: “O nosso negócio é fazer as mulheres infelizes com o que têm”.

O atíçar cirúrgico da insegurança estética e a exploração metódica das hesitações femininas no universo da beleza abrem as portas ao infinito. Os números e lucros do setor reluzem, mas quem estimará a soma de todo o mal-estar causado pelo massacre diuturno de um padrão ideal de beleza?

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 104-105)

O autor do texto se posiciona claramente contra

- a) os efeitos nocivos da propaganda, quando se vale de recursos das artes tradicionais para vender produtos de grande significação social.
- b) as teses idealistas acerca do que seja o belo, que propagam modelos estéticos ligados a um passado clássico que hoje não guardam qualquer sentido.
- c) a exploração comercial de produtos ligados à estética feminina, como os cosméticos, que ele julga perverter o padrão ideal de beleza.
- d) a disseminação de padrões de beleza inatingíveis que atendem a um ávido interesse econômico e acarretam infelizes obsessões às mulheres.
- e) a reprodução de modelos de beleza que levam as mulheres a encontrar em si mesmas uma fonte de prazer sem qualquer relevância social.

Texto para as questões 09 a 11**A chave do tamanho**

O antes de nascer e o depois de morrer: duas eternidades no espaço infinito circunscrevem o nosso breve espasmo de vida. A imensidão do universo visível com suas centenas de bilhões de estrelas costuma provocar um misto de assombro, reverência e opressão nas pessoas. “O silêncio eterno desses espaços infinitos me abate de terror”, afligia-se o pensador francês Pascal. Mas será esse necessariamente o caso?

O filósofo e economista inglês Frank Ramsey responde à questão com lucidez e bom humor: “Discordo de alguns amigos que atribuem grande importância ao tamanho físico do universo. Não me sinto absolutamente humilde diante da vastidão do espaço. As estrelas podem ser grandes, mas não pensam nem amam – qualidades que impressionam bem mais do que o tamanho. Não acho vantajoso pesar quase cento e vinte quilos”.

Com o tempo não é diferente. E se vivêssemos, cada um de nós, não apenas um punhado de décadas, mas centenas de milhares ou milhões de anos? O valor da vida e o enigma da existência renderiam, por conta disso, os seus segredos? E se nos fosse concedida a imortalidade, isso teria o dom de aplacar de uma vez por todas o nosso desamparo cósmico e as nossas inquietações? Não creio. Mas o enfado, para muitos, seria difícil de suportar.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 35)

9. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

Ao longo do texto, o autor sustenta a ideia de que a infinitude

- a) do universo acalenta nossa confiança na infinitude da espécie humana.
- b) dos espaços cósmicos refreia o nosso anseio de imortalidade.
- c) do tempo universal impede-nos de usufruir o tempo de nossa finitude.
- d) dos espaços ou do tempo não garante a vantagem de uma suposta imortalidade.
- e) das coisas nunca representou alguma restrição à nossa sensação de liberdade.

10. FCC – Banrisul - 2019

As ideias de Pascal e as de Frank Ramsey referidas no texto

- a) convergem para o ponto comum de fazer temer a enormidade dos enigmas que nos cercam.
- b) divergem frontalmente quanto às percepções que têm diante da vastidão ou infinitude do universo.
- c) divergem quanto à infinitude do universo, mas convergem quanto ao temor que sentimos diante da morte.
- d) são complementares, uma vez que a convicção de um pensador dá força à convicção do outro.
- e) são de todo independentes, pois não tratam de qualquer tema que estabeleça contato entre elas

11. FCC – BANRISUL - 2019

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) *circunscrevem o nosso breve espasmo* = retificam nosso rápido incômodo
- b) *misto de assombro, reverência e opressão* = contrição de susto, desassombro e restrição
- c) *responde à questão com lucidez e bom humor* = elucida a pergunta com irreverência imaginosa
- d) *renderiam (...) os seus segredos?* = revelariam os seus mistérios?
- e) *teria o dom de aplacar de uma vez* = traria o mérito de retribuir no ato

Texto para as questões 12 a 14**Imigrações no Rio Grande do Sul**

Em 1740 chegou à região do atual Rio Grande do Sul o primeiro grupo organizado de povoadores. Portugueses oriundos da ilha dos Açores, contavam com o apoio oficial do governo, que pretendia que se instalassem na vasta área onde anteriormente estavam situadas as Missões.

A partir da década de vinte do século XIX, o governo brasileiro resolveu estimular a vinda de imigrantes europeus, para formar uma camada social de homens livres que tivessem habilitação profissional e pudessem oferecer ao país os produtos que até então tinham que ser importados, ou que eram produzidos em escala mínima. Os primeiros imigrantes que chegaram foram os alemães, em 1824. Eles foram assentados em glebas de terra situadas nas proximidades da capital gaúcha. E, em pouco tempo, começaram a mudar o perfil da economia do atual estado.

Primeiramente, introduziram o artesanato em uma escala que, até então, nunca fora praticada. Depois, estabeleceram laços comerciais com seus países de origem, que terminaram por beneficiar o Rio Grande. Pela primeira vez havia, no país, uma região em que predominavam os homens livres, que viviam de seu trabalho, e não da exploração do trabalho alheio.

As levas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. E, embora o poder político ainda fosse detido pelos grandes senhores das estâncias e charqueadas, o poder econômico dos imigrantes foi, aos poucos, se consolidando.

(Adaptado de: projetoriograndetche.weebly.com/imigraccedilatildeo-no-rs.html)

12. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019**Os primeiros imigrantes alemães a se estabelecerem no Rio Grande do Sul**

- a) constituíram uma alternativa ao trabalho escravo, alterando, com o tempo, a fisionomia econômica do estado.
- b) promoveram a ocupação, com apoio governamental, de uma ampla região destinada ao estabelecimento das Missões.
- c) foram assentados em glebas onde já com eficácia se cultivavam produtos que concorriam com os importados.

- d) alteraram a qualidade e a quantidade dos produtos artesanais locais, o que se refletiu na economia da região.
- e) representaram o ingresso no mercado de trabalhadores qualificados que modernizaram a produção industrial.

13. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

Com a sucessão de levas de imigrantes, verificaram-se as seguintes consequências no Rio Grande do Sul:

- a) interdição do trabalho escravo e consolidação das classes dominantes.
- b) diversificação do artesanato e valorização do folclore nacional.
- c) consolidação das estâncias tradicionais e minimização das charqueadas.
- d) fortalecimento da economia interna e promoção econômica da classe média.
- e) alternância no comando político e expansão das propriedades rurais.

14. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

As levas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. E, embora o poder político ainda fosse detido pelos grandes senhores das estâncias e charqueadas, o poder econômico dos imigrantes foi, aos poucos, se consolidando.

O parágrafo em destaque do texto enfatiza

- a) a progressiva e positiva transformação socioeconômica que as levas de imigrantes trouxeram ao estado rio-grandense.
- b) o impulso rapidamente imposto ao ritmo até então tímido da produção nas pequenas propriedades gaúchas.
- c) a pressão das camadas emergentes dos trabalhadores sobre a gestão política dos proprietários tradicionais.
- d) a substituição dos modos de produção local pelas técnicas artesanais há muito consagradas em outras terras.
- e) a importância da imigração alemã no deslocamento da economia rural para a do mercado financeiro.

15. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

[Retratos fiéis]

Não sei por que motivo há de a gente desenhar tão objetivamente as coisas: o galho daquela árvore exatamente na sua inclinação de quarenta e três graus, o casaco daquele homem justamente com as ruguinhas que no momento apresenta, e o próprio retratado com todos seus pés-de-galinha minuciosamente contadinhos... Para isso já existe há muito tempo a fotografia, com a qual jamais poderemos competir em matéria de objetividade.

Se, para contrabalançar minhas lacunas, me houvesse Deus concedido o invejável dom da pintura, eu seria um pintor lírico (o adjetivo não é bem apropriado, mas vai esse mesmo enquanto não ocorrer outro). Quero dizer, o modelo serviria tão só do ponto de partida. O restante eu transfiguraria em conformidade com meu desejo de fantasia e poder de imaginação.

(Adaptado de: QUINTANA, Mário. Na volta da esquina. Porto Alegre: Globo, 1979, p. 88)

No primeiro parágrafo, o autor do texto exprime sua convicção de que a

- a) pintura, sendo mais criativa que a fotografia, desfruta de melhores condições para ser de fato uma arte.
- b) fotografia, ainda que seja uma técnica capaz de objetividade, não distingue os detalhes que uma pintura pode realçar.
- c) fotografia, em sua propriedade de retratar tudo objetivamente, alcança mais precisão do que qualquer pintura.
- d) pintura, em seu afã de retratar tudo objetivamente, acaba por relevar detalhes que a própria fotografia não exprime.
- e) pintura, quando descarta sua obsessão em retratar tudo com o máximo de detalhes, aproxima-se mais da arte da fotografia.

Atenção: Para responder às questões de números 16 a 18, baseie-se no texto abaixo.

Juventude de hoje, de ontem e de amanhã

A juventude é estranha porque é a velhice do mundo passada indefinidamente a limpo. Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria, de vícios e virtudes, de esperanças e desilusões. O jovem é o mais velho exemplar da humanidade. Pesa-lhe a herança dos conhecimentos acumulados; pesa-lhe o desafio do que não foi conquistado; a inadequação entre o idealismo e o egoísmo prático; pesa-lhe o inconsciente da raça, esta sessão espírita permanente, através da qual cada homem se comunica com os mortos.

No encontro de duas gerações, a que murcha e a que floresce, há uma irrisão dramática, um momento de culpas, apreensões e incertezas. As duas figuras se contemplam: o jovem é o passado do velho, e este é o futuro que o jovem contempla com horror. Assim, o momento desse encontro é um espelho cujas imagens o tempo deforma, sem que se desfça, para o moço e para o velho, a sinistra impressão de que as duas figuras são uma coisa só, um homem só, uma tragédia só.

O poeta romântico inglês Shelley poderia ser o padrão do adolescente de todas as épocas: nasceu de família respeitável e rica, foi bonito, sincero, revoltado, idealista, violento, amoroso, apaixonado pela vida e pela morte, inteligente, confuso e, sobretudo, de uma sensibilidade crispada. Não era um monstro: seus atos eram a consequência lógica de suas ideias, da lealdade às suas crenças. E enquanto escrevia versos musicais, fecundados de amor cósmico, esperança e idealismo social, atirava-se feroz contra o conformismo do clero, a monarquia, as leis vigentes, o farisaísmo universal.

(Adaptado de CAMPOS, Paulo Mendes. O amor acaba. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 135-136)

16. FCC – CLDF - 2018

A afirmação inicial **A juventude é estranha** encontra em seguida uma justificativa quando o autor argumenta que os jovens,

- a) assim como os mais velhos, dão a vida passada por vivida, recusando-se a crer que ainda haja ideais a serem perseguidos.
- b) ao contrário dos velhos, buscam passar seu próprio tempo a limpo, livrando-o da carga pesada dos erros passados.

- c) incorporando valores de outros tempos, acumulam erros e acertos do passado, como se numa transmissão sobrenatural.
- d) rejeitando as heranças culturais disponíveis, têm a ilusão de que renovam tudo, ainda quando repitam erros do passado.
- e) espelhando-se em si mesmos, acabam reabilitando e nobilitando ideais que se perderam em antigos combates.

17. FCC – CLDF - 2018

O poeta inglês Shelley, segundo o autor do texto, poderia ser o padrão do adolescente de todas as épocas porque nele

- a) o espírito revoltoso de um marginalizado fazia dele uma personalidade arrebatada pelos mais ferozes ressentimentos.
- b) a sensibilidade à flor da pele fazia com que ele se dedicasse plenamente ao culto dos mais altos ideais.
- c) as qualidades negativas deixavam em segundo plano as positivas, o que favorecia sua expressão romântica.
- d) os impulsos amorosos, idealistas e esperançosos conviviam com duras invectivas contra o que julgasse maligno.
- e) as intenções críticas mais contundentes acabavam sucumbindo ao lirismo e à índole mística de seu temperamento.

18. FCC – CLDF - 2018

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) é a velhice do mundo passada indefinidamente a limpo (10 parágrafo) = é a humanidade velha imperando oportunamente sobre a nova.
- b) Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria (10 parágrafo) = na alternância de deslizes e acertos, magnetizam-se as gerações.
- c) uma irrisão dramática, um momento de culpas (20 parágrafo) = um drama irrisório, um instante de remorsos.
- d) a sinistra impressão de que as duas figuras são uma coisa só (20 parágrafo) = a incrível sensação de que ambas as imagens são uma única.
- e) atirava-se feroz contra o conformismo do clero (30 parágrafo) = empenhava-se bravamente no combate à resignação da classe clerical.

Atenção: Para responder às questões de números 19 a 21, baseie-se no texto abaixo.

Uma palavra sobre cultura e Constituição

Todas as Constituições brasileiras foram lacônicas e genéricas ao tratar das relações entre cultura e Estado. Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior. Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base cujo vetor é sempre a melhor distribuição da renda nacional. Na esfera dos bens simbólicos, esse objetivo se alcança, em primeiro e principal lugar, construindo o suporte de um sistema educacional sólido conjugado com um programa de apoio à pesquisa igualmente coeso e contínuo.

A sociedade brasileira não tem uma “cultura” já determinada. O Brasil é, ao mesmo tempo, um povo mestiço, com raízes indígenas, africanas, europeias e asiáticas, um país onde o ensino médio e universitário tem alcançado, em alguns setores, níveis internacionais de qualidade e um vasto território cruzado por uma rede de comunicações de massa portadora de uma indústria cultural cada vez mais presente.

O que se chama, portanto, de “cultura brasileira” nada tem de homogêneo ou de uniforme. A sua forma complexa e mutante resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas. Se algum valor deve presidir à ação do Poder Público no trato com a “cultura”, este não será outro que o da liberdade e o do respeito pelas manifestações espirituais as mais diversas que se vêm gestando no cotidiano do nosso povo. Em face dessa corrente de experiências e de significados tão díspares, a nossa Lei Maior deveria abster-se de propor normas incisivas, que soariam estranhas, porque exteriores à dialética das “culturas” brasileiras. Ao contrário, um certo grau de indeterminação no estilo de seus artigos e parágrafos é, aqui, recomendável.

(Adaptado de: BOSI, Alfredo. Entre a Literatura e a História. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 393-394)

19. FCC – CLDF - 2018

A frase *Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior (1º parágrafo)* é justificada pelo autor com base na sua convicção de que

- a) o Poder Público não pode interferir em qualquer aspecto de uma cultura nacional, que deve ser espontânea e livre do alcance da Constituição.
- b) a sociedade brasileira, conquanto não seja homogênea, é suficientemente madura para formular as normas que devem reger sua cultura tradicional.
- c) a complexidade das culturas brasileiras não deve ser objeto de uma legislação que venha a abranger e determinar tão diversas manifestações.
- d) o Estado não pode permitir que seja lacunosa a legislação sobre matérias culturais, que deve ser rigorosa e o mais específica possível.
- e) a dinâmica das várias culturas existentes no país garante que não haja entre elas algum atrito que ponha em risco a impermeabilidade de cada uma.

20. FCC – CLDF - 2018

Se na esfera socioeconômica cabe ao Estado propiciar uma melhor distribuição de renda, na esfera dos bens simbólicos um objetivo equivalente se alcança com

- a) uma configuração coerente da meta educacional com o sistema financeiro.
- b) uma legislação escolar minuciosa com incentivos à pesquisa pura.
- c) um processo de integração mais coeso entre produção e consumo cultural.
- d) um sistema educacional voltado para a pesquisa de ponta e de longo prazo.
- e) um programa de educação consistente aliado à pesquisa sistemática.

21. FCC – CLDF - 2018

Um mesmo posicionamento do autor está expresso e ratificado nestes dois segmentos:

- a) O que se chama, portanto, de “cultura brasileira” (30 parágrafo) / propor normas incisivas (30 parágrafo).
- b) Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio (10 parágrafo) / um certo grau de indeterminação [...] é [...] recomendável (30 parágrafo).
- c) Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base (10 parágrafo) / resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas (30 parágrafo).
- d) Constituições [...] foram lacônicas (10 parágrafo) / suporte de um sistema educacional sólido (10 parágrafo).
- e) algum valor deve presidir à ação do Poder Público (30 parágrafo) / exteriores à dialética das culturas brasileiras (30 parágrafo)

Atenção: Para responder às questões de números 22 a 23, considere o texto a seguir.

Os deuses de Delfos

Segundo a mitologia, Zeus teria designado uma medida apropriada e um justo limite para cada ser: o governo do mundo coincide assim com uma harmonia precisa e mensurável, expressa nos quatro motes escritos nas paredes do templo de Delfos: “O mais justo é o mais belo”, “Observa o limite”, “Odeia a hybris (arrogância)”, “Nada em excesso”. Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza, em acordo com uma visão do mundo que interpreta a ordem e a harmonia como aquilo que impõe um limite ao “bocejante Caos”, de cuja goela saiu, segundo Hesíodo, o mundo. Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo, que, de fato, é representado entre as Musas no frontão ocidental do templo de Delfos.

Mas no mesmo templo (século IV a.C.), no frontão oriental figura Dioniso, deus do caos e da desenfreada infração de toda regra. Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual, embora só tenha sido tematizada na idade moderna, com Nietzsche. Em geral, ela exprime a possibilidade, sempre presente e verificando-se periodicamente, da irrupção do caos na beleza da harmonia. Mais especificamente, expressam-se aqui algumas antíteses significativas que permanecem sem solução dentro da concepção grega da Beleza, que se mostra bem mais complexa e problemática do que as simplificações operadas pela tradição clássica.

Uma primeira antítese é aquela entre beleza e percepção sensível. Se de fato a Beleza é perceptível, mas não completamente, pois nem tudo nela se exprime em formas sensíveis, abre-se uma perigosa oposição entre Aparência e Beleza: oposição que os artistas tentarão manter entreaberta, mas que um filósofo como Heráclito abrirá em toda a sua amplitude, afirmando que a Beleza harmônica do mundo se evidencia como casual desordem. Uma segunda antítese é aquela entre som e visão, as duas formas perceptivas privilegiadas pela concepção grega (provavelmente porque, ao contrário do cheiro e do sabor, são reconduzíveis a medidas e ordens numéricas): embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma, é somente às formas visíveis que se aplica a definição de belo (Kalón) como “aquilo que agrada e atrai”. Desordem e música vão, assim, constituir uma espécie de lado obscuro da Beleza apolínea harmônica e visível e como tais colocam-se na esfera de ação de Dioniso.

Esta diferença é compreensível se pensarmos que uma estátua devia representar uma "ideia" (presumindo, portanto, uma pacata contemplação), enquanto a música era entendida como algo que suscita paixões.

(ECO, Umberto. História da beleza. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2004, p. 55-56)

22. FCC - SEFAZ/GO - 2018

O autor organiza sua argumentação de modo a expor, no

a) primeiro parágrafo, uma concepção moderna de beleza que se contrapõe ao senso comum grego ao abarcar a ideia do caos criativo.

b) segundo parágrafo, uma visão inconsistente de beleza, ao contrariar os preceitos gregos de equilíbrio, moderação e harmonia.

c) terceiro parágrafo, oposições na concepção grega de beleza, as quais se ligam à combinação dos princípios de ordem e caos.

d) quarto parágrafo, uma conclusão que reafirma o argumento expresso anteriormente de que no conceito grego de beleza as oposições se nulificam.

e) terceiro e no quarto parágrafo, a opinião de que a beleza apolínea tem sido progressivamente substituída pelo conceito moderno de beleza dionisiaca.

23. FCC – SEFAZ/GO - 2018

Um segmento do texto tem seu sentido adequadamente expresso em outras palavras em:

a) uma medida apropriada e um justo limite (1º parágrafo) / uma medição precisa e um juízo restrito.

b) Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza (1º parágrafo) / A partir destas convenções confutou-se o padrão grego da Beleza.

c) Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo (1º parágrafo) / Esta interpretação é mantida sob a égide de Apolo.

d) Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual (2º parágrafo) / Esse confronto de duas entidades opostas não é propositado.

e) embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma (3º parágrafo) / conquanto se confira à música a prerrogativa de retundir a alma.

24. FCC - Analista Judiciário (TRE SP)/Administrativa/"Sem Especialidade"/2012

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfaltar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

O cronista ressalta aspectos **contrastantes** do caso de Saquarema, tal como se observa na relação entre estas duas expressões:

- a) *drama da baleia encalhada e três dias se debatendo na areia.*
- b) *em quinze minutos estava toda retalhada e foram disputadas as toneladas da vítima.*
- c) *se esfalçar em vão na luta pela sobrevivência e levar pastéis e empadinhas para vender com ágio.*
- d) *o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar e lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema.*
- e) *Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás e Logo uma estatal, ó céus.*

25.FCC - Analista Judiciário (TRE TO)/Administrativa/2011

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça. Vou lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

(Chico Buarque. **Leite derramado**, São Paulo, Cia. das Letras, 2009, p. 29)

Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

I. Ao expressar o desejo de viver numa cidade *onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça*, o narrador incorre numa evidente e insolúvel contradição.

II. A afirmação de que a *outra mulher teve uma educação rigorosa* é reafirmação, por contraste, de que aquela a quem o narrador se dirige não a teve, o que já estava implícito no propósito de lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho etc.

III. Ao dizer que sua interlocutora *parece uma moça digna apesar da origem humilde*, o narrador sugere, por meio da concessiva, que a dignidade não costuma ser característica daqueles cuja origem é humilde.

Está correto o que se afirma em

- a) I, II e III.
- b) II e III, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) II, apenas.

26. FCC - Analista Judiciário (TRE TO)/Administrativa/2011

Cartão de Natal

*Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar novo caderno,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de voo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:*

*que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem
o sim comer o não.*

João Cabral de Melo Neto

No poema, João Cabral

- a) critica o egoísmo, e manifesta o desejo de que na passagem do Natal as pessoas se tornem generosas e façam o *sim comer o não*.
- b) demonstra a sua aversão às festividades natalinas, pois *nestes dias a aventura parece em ponto de vôo*, mas depois a rotina segue como sempre.

- c) critica a *atração núbil para o dente* daqueles que transformam o Natal em uma apologia ao consumo e se esquecem do seu caráter religioso.
- d) observa com otimismo que o Natal é um momento de renovação em que os homens se transformam para melhor e fazem *o ferro comer a ferrugem*.
- e) manifesta a esperança de que o Natal traga, de fato, uma transformação, e que, ao contrário de outros natais, seja possível *começar novo caderno*.

27.FCC - Analista Judiciário (TRT 1ª Região)/Apoio Especializado/Arquivologia/2011

Os habitantes das cidades não são necessariamente mais inteligentes que outros seres humanos, mas a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Encarar tais problemas amplia a inventividade humana a um nível sem precedentes. Isso, por sua vez, oferece uma oportunidade tentadora para quem vive em lugares mais tranquilos, porém menos promissores.

Ao migrarem para as cidades, as pessoas de fora geralmente trazem "novas maneiras de ver as coisas e talvez de resolver antigos problemas". Coisas familiares aos moradores antigos e já estabelecidos exigem explicação quando vistas pelos olhos de um estranho. Os recém-chegados são inimigos da tranquilidade.

Essa talvez não seja uma situação agradável para os nativos da cidade, mas é também sua grande vantagem. A cidade está em sua melhor forma quando seus recursos são desafiados. Michael Storper, economista, geógrafo e projetista, atribui a vivacidade intrínseca da densa vida urbana à incerteza que advém dos relacionamentos pouco coordenados "entre as peças das organizações complexas, entre os indivíduos e entre estes e as organizações".

Compartilhar o espaço com estranhos é uma condição da qual os habitantes das cidades consideram difícil, talvez impossível, fugir. A presença ubíqua de estranhos é fonte de ansiedade, assim como de uma agressividade que volta e meia pode emergir. Faz-se necessário experimentar, tentar, testar e (espera-se) encontrar um modo de tornar a coabitação palatável. Essa necessidade é "dada", não-negociável. Mas o modo como os habitantes de cada cidade se conduzem para satisfazê-la é questão de escolha. E esta é feita diariamente.

(Adaptado de Zygmunt Bauman. Amor Líquido. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004, pp. 127-130)

Os recém-chegados são inimigos da tranquilidade. (2o parágrafo)

Com a afirmação acima, o autor

- a) indica que as migrações típicas do mundo globalizado trazem consequências negativas para o modo de organização das cidades.
- b) sugere que o impacto do aumento populacional crescente nos dias atuais é perturbador para os moradores das cidades.
- c) questiona os supostos benefícios que as pessoas de fora trariam ao se estabelecer em novos centros urbanos.
- d) critica o impulso de migrar para grandes centros urbanos, já saturados, por parte das pessoas que moram em lugares calmos.
- e) enaltece a inquietação gerada pelas pessoas que migram para as cidades e questionam o modo de vida que nelas encontram.

Texto para as questões 28 a 29**A liberdade enriquece**

A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espraia para todos os lugares. Isso é o que imaginava Ludwig von Mises, o arquiteto mais destacado da escola austríaca de economistas neoclássicos. Ele estava errado: a liberdade nasceu no continente da política, mais propriamente como liberdade de expressão – o direito de imprimir sem licença. O parto deu-se pelas mãos do poeta e polemista John Milton, em 1644, no epicentro da Guerra Civil Inglesa entre o Parlamento e a Monarquia. Naquele ano, Milton publicou a *Aeropagitica*, fonte do mais clássico dos argumentos racionais contra a censura: os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más.

Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia. A Grã-Bretanha acabou seguindo o caminho preconizado por Milton e se converteu na maior potência do mundo. Os Estados Unidos, com sua Primeira Emenda à Constituição – que proíbe a edição de leis que limitem a liberdade de religião, a liberdade de expressão e de imprensa ou o direito de reunião pacífica –, assumiram o primeiro posto no século XX. Liberdade funciona, pois a criatividade é filha da crítica.

(Trecho adaptado de Demétrio Magnoli. Veja, 22 de setembro de 2010, pp. 80-81)

28. INÉDITA

Considerando-se o teor do texto, é correto afirmar:

- a) Trata-se de um texto opinativo, em que o autor, apoiando-se em teorias e oferecendo exemplos de sucesso, tece comentários a respeito da relação entre liberdade e desenvolvimento econômico.
- b) Há crítica em relação ao papel desempenhado na economia de alguns países por proposições hipotéticas de poetas e economistas sob influência de escolas estrangeiras.
- c) No 20 parágrafo encontra-se defesa por inteiro da opinião do economista austríaco, em flagrante contradição com a observação de que ele havia se enganado, como consta do 10 parágrafo.
- d) O título se volta para a comprovação da tese do poeta inglês de que o desenvolvimento econômico de uma nação se associa inequivocamente à racionalidade de seus cidadãos.
- e) O autor se baseia em opiniões polêmicas de defensores da liberdade de expressão para enaltecer a política colonialista de ingleses e de norte-americanos, entre os séculos XVII e XX.

RESOLUÇÃO

Letra A - CERTA - De fato, o texto traz uma tese acerca da importância do conceito de liberdade no desenvolvimento de uma nação. Isso fica bem explícito no trecho "*Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo,*" e nos exemplos de nações desenvolvidas apresentados, entre elas Grã-Bretanha e EUA, que assumem a liberdade de expressão como algo soberano.

Letra B - ERRADA - O papel desempenhado na economia de alguns países não é contestado pelo texto. O que o texto faz é apenas dissociar o conceito de liberdade atrelado à economia, pois considera aquela mais abrangente que esta. É o que fica bem explícito no trecho "*Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia.*".

Letra C – ERRADA - Não há uma contradição, pois a afirmação do 2º parágrafo ("*Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia.*") não invalida o conteúdo do 1º (A *liberdade surge no oceano da economia, de onde se espalha para todos os lugares. Isso é o que imaginava Ludwig von Mises*). O que há é uma ressalva: von Mises estava errado, mas não em tudo.

Letra D - ERRADA - Não especificamente, pois a tese do poeta britânico - *os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más* - está relacionada ao fato de seres humanos, como seres racionais que são, serem capazes de diferenciar as ideias boas das más. O fato de as nações enriquecerem vem como um possível efeito dessa tese.

Letra E - ERRADA - Essa redação extrapola o texto: não há menção às políticas colonialistas de ingleses e americanos. Além disso, as opiniões diversas acerca do conceito de liberdade apresentam pontos em comum, não sendo diametralmente opostas.

Resposta: A

29. FCC - Analista Judiciário (TRT 1ª Região)/Apoio Especializado/Arquivologia/2011

A última frase do texto

- a) vem confirmar a opinião do autor de que a liberdade se impôs na Inglaterra e nos Estados Unidos por ser decorrente do desenvolvimento econômico dessas nações.
- b) comprova o equívoco cometido pelo economista austríaco, pois liberdade de expressão e sucesso econômico são conceitos que se encontram em campos diferenciados da atividade humana.
- c) pretende demonstrar que o espírito crítico, ainda que associado à liberdade de expressão, nem sempre se mostra suficiente para garantir a estabilidade econômica de uma grande nação.
- d) constitui um fecho coerente de todo o desenvolvimento, com base na defesa da capacidade de discernimento dos seres humanos e da importância da liberdade para o sucesso da economia.
- e) conclui objetivamente a teoria, exposta por Ludwig von Mises e complementada pelo poeta John Milton, de que a origem e a importância da liberdade, bem como os valores dela decorrentes, pertencem ao terreno da economia.

30. INÉDITA

Trânsito mata mais do que assassinatos no Brasil

Quando a maioria da população, com razão, está escandalizada com a violência que impera nas cidades do País, um outro número não recebe tanta atenção quanto os cerca de 60 mil assassinatos registrados anualmente no Brasil. No trânsito, morrerão, neste ano de 2018, segundo estimativas oficiais, 80 mil pessoas. A projeção está baseada no fato de que, nos primeiros meses do ano, os acidentes de trânsito já provocaram 19.398 mil mortes e 20 mil casos de invalidez permanente no País. Os dados são do Centro de Pesquisa e Economia do Seguro, órgão da Escola Nacional de Seguros. As principais vítimas são homens de 18 a 65 anos e motociclistas.

Além das mortes e sequelas as mais diversas, muitas deixando inválidos pelo resto da vida homens, mulheres e crianças, pessoas jovens, ainda há um brutal prejuízo, calculado em torno dos R\$ 96 bilhões pelas faltas ao trabalho dos acidentados.

Ora, tantas vítimas mostram um quadro de insegurança que está presente e que vem ceifando, dia após dia, vidas nas ruas, avenidas e, muito mais, nas rodovias da nação. Pois, da mesma forma que todos condenam o grande número de mortes violentas por conta do tráfico de drogas, da disputa entre gangues, de desavenças familiares, pouca atenção é dada para o massacre que ocorre no trânsito. Da mesma forma que se pede mais educação, devemos nos lembrar que a educação no trânsito é mais do que importante.

Jornal do Comércio

(https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/opiniaio/2018/09/648589-transito-mata-mais-do-que-assassinatos-no-brasil.html)

A mensagem principal do editorial é que:

- a) a violência no trânsito não é considerada um assunto importante.
- b) as mortes por acidentes de trânsito superaram as por homicídios.
- c) a sociedade está chocada com o número de homicídios.
- d) as mortes no trânsito não geram tanta comoção.
- e) a educação no trânsito é negligenciada no currículo escolar brasileiro.

31. INÉDITA

Os programas de investigação criminal de ficção não reproduzem corretamente o que ocorre na vida real quando o assunto são as técnicas científicas: um cientista forense da Universidade de Maryland estima que cerca de 40% do que é mostrado no CSI não existe. Os investigadores verdadeiros não conseguem ser tão precisos quanto suas contrapartes televisivas. Ao analisar uma amostra desconhecida em um aparelho com telas brilhantes e luzes piscantes, o investigador de um desses seriados pode conseguir uma resposta do tipo “batom da marca X, cor 42, lote A-439”. O mesmo personagem talvez interroge um suspeito e declare “sabemos que a vítima estava com você, pois identificamos o batom dela no seu colarinho”. No mundo real, os resultados quase nunca são tão exatos, e o investigador forense provavelmente não confrontaria diretamente um suspeito. Esse desencontro entre ficção e realidade pode acarretar consequências bizarras. Em Knoxville, Tennessee, um policial relatou: “Estou com um homem cujo carro foi roubado. Ele viu uma fibra vermelha no banco traseiro e quer que eu descubra de onde ela veio, em que loja foi comprada e qual cartão de crédito foi usado”.

De acordo com o texto, os programas de investigação criminal não reproduzem corretamente a realidade, pois

- a) subjugam a complexidade das técnicas científicas.
- b) superestimam a complexidade dos casos.
- c) minimizam a importância das pistas coletadas.
- d) limitam a atuação dos investigadores.
- e) exageram na minúcia das informações obtidas na investigação.

32. INÉDITA

Entre os Maoris, um povo polinésio, existe uma dança destinada a proteger as sementeiras de batatas, que quando novas são muito vulneráveis aos ventos do leste: as mulheres executam a dança, entre os batatais, simulando com os movimentos dos corpos o vento, a chuva, o desenvolvimento e o florescimento do batatal, sendo esta dança acompanhada de uma canção que é um apelo para que o batatal siga o exemplo do bailado. As mulheres interpretam em fantasia a realização prática de um desejo. É nisto que consiste a magia: uma técnica ilusória destinada a suplementar a técnica real. Mas essa técnica ilusória não é vã. A dança não pode exercer qualquer efeito direto sobre as batatas, mas pode ter (como de fato tem) um efeito apreciável sobre as mulheres. Inspiradas pela convicção de que a dança protege a colheita, entregam-se ao trabalho com mais confiança e mais energia. E, deste modo, a dança acaba, afinal, por ter um efeito sobre a colheita.

(George Thomson)

O texto descreve o uso da dança como marca de manifestação cultural de um povo. De acordo com o exposto, nos Maoris, essa prática tem como efeito direto:

- a) o abandono de técnicas consagradas.
- b) o fortalecimento das sementeiras de batatas.
- c) a convicção na efetividade das técnicas reais.
- d) uma mudança de comportamento no trabalho.
- e) uma maior produção de batatas.

33. INÉDITA

Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em português, mas em uma língua de origem indígena, derivada do tupi e chamada língua brasílica, brasileira ou, mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista, que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia do país e na língua portuguesa. São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé, sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma bucólica paisagem inglesa.

Com base na leitura do texto, é possível afirmar que a principal intenção do autor é:

- a) enfatizar a influência da língua geral no português falado atualmente no Brasil, enaltecendo sua expressividade singular.
- b) evidenciar o português falado pelos caipiras, destacando a forma bem-humorada com que se comunicam.
- c) comparar a expressividade do português falado no Brasil, parte herdado de antigas línguas indígenas, com a da língua inglesa.
- d) destacar a clareza de comunicação como marca identificadora do português falado no Brasil.

- e) explicar a origem e o significado de expressões usadas no português falado no Brasil, como “jururu” e “igarapé”.

34. INÉDITA

As amigas Beatriz Ismael, Aline Secone e Pietra Favarin, todas com 18 anos, já perderam a conta de quanto tempo passam com o celular na mão. Conversas no WhatsApp, atualizações nas redes sociais, novidades no Snapchat: é muita coisa para acompanhar. Basta o aparelho vibrar para baixarem a cabeça a fim de verificar o que está acontecendo. Beatriz, Aline e Pietra talvez não percebam agora, mas o fato de passar horas com a cabeça curvada por causa do celular ou tablete pode acarretar sérias consequências futuras para elas.

O alerta é de médicos sobre o uso exagerado desses aparelhos por crianças e adolescentes. Pietra admite que fica tanto tempo usando o celular que seu braço chega a adormecer. Já Aline e Beatriz afirmam que não sentem dor alguma. Segundo o ortopedista e traumatologista Guaracy Carvalho Filho, professor da Faculdade de Medicina de Rio Preto (Famerp), a ausência de dores imediatas por causa da cabeça curvada é comum nos jovens que compõem a ‘geração da cabeça baixa’. “É óbvio que eles não vão sentir dores agora.

A estrutura corporal é mais flexível, mas quando chegarem à fase adulta provavelmente vão sentir dores provocadas pela postura errada quando jovens.” E é por causa da ausência de reclamações que os pais ou responsáveis devem prestar atenção nas crianças e nos adolescentes, segundo o médico. “Em princípio, a cabeça curvada para baixo resulta em uma alteração postural. Entre os 13 e 14 anos, o enrijecimento acontece mais rápido. Evoluindo de uma alteração para um desvio de coluna.”

https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/2016/01/cidades/saude/667159-uso-excessivo-de-celular-afeta-postura-do-jovem-e-coloca-seu-corpo-em-risco.html

Ao abordar os impactos gerados pelo uso excessivo de smartphones, o texto enfatiza:

- a) as queixas de jovens com dores precoces resultado da má postura corporal.
- b) as complicações posturais em adultos que curvam a cabeça quando usam celular.
- c) as alterações posturais em jovens que podem resultar em dores na idade adulta.
- d) as sequelas posturais imediatas em jovens resultado do uso excessivo do celular.
- e) a perda de flexibilidade corporal em crianças devido à ausência de reclamação por parte dos pais.

35. INÉDITA

Apesar da nova era em que vivemos, materiais impressos dificilmente deixarão de existir. A divulgação de serviços pela internet tem o custo menor, isso é fato, além de diversas outras vantagens, mas para atingir um público mais abrangente e com hábitos de consumo diferentes, o material impresso é fundamental, pois apesar de vivermos na era digital, muitos ainda preferem o material impresso. É preciso adequar o conteúdo para as duas plataformas, assim a empresa conseguirá atingir todos os públicos e mercados.

Outro item que faz dos impressos uma importante ferramenta de comunicação é a veracidade e a credibilidade das informações. No mundo digital, é praticamente impossível regularizar o conteúdo. Qualquer pessoa pode postar qualquer informação, sem analisar a precisão do conteúdo. Além disso, uma informação armazenada

eletronicamente pode ser modificada de uma maneira muito fácil. Já o impresso é palpável, com maior visibilidade e facilidade na memorização do conteúdo.

<https://utidasideias.com.br/index.php?/blog/midia-impressa/mas-o-que-e-midia-impressa>

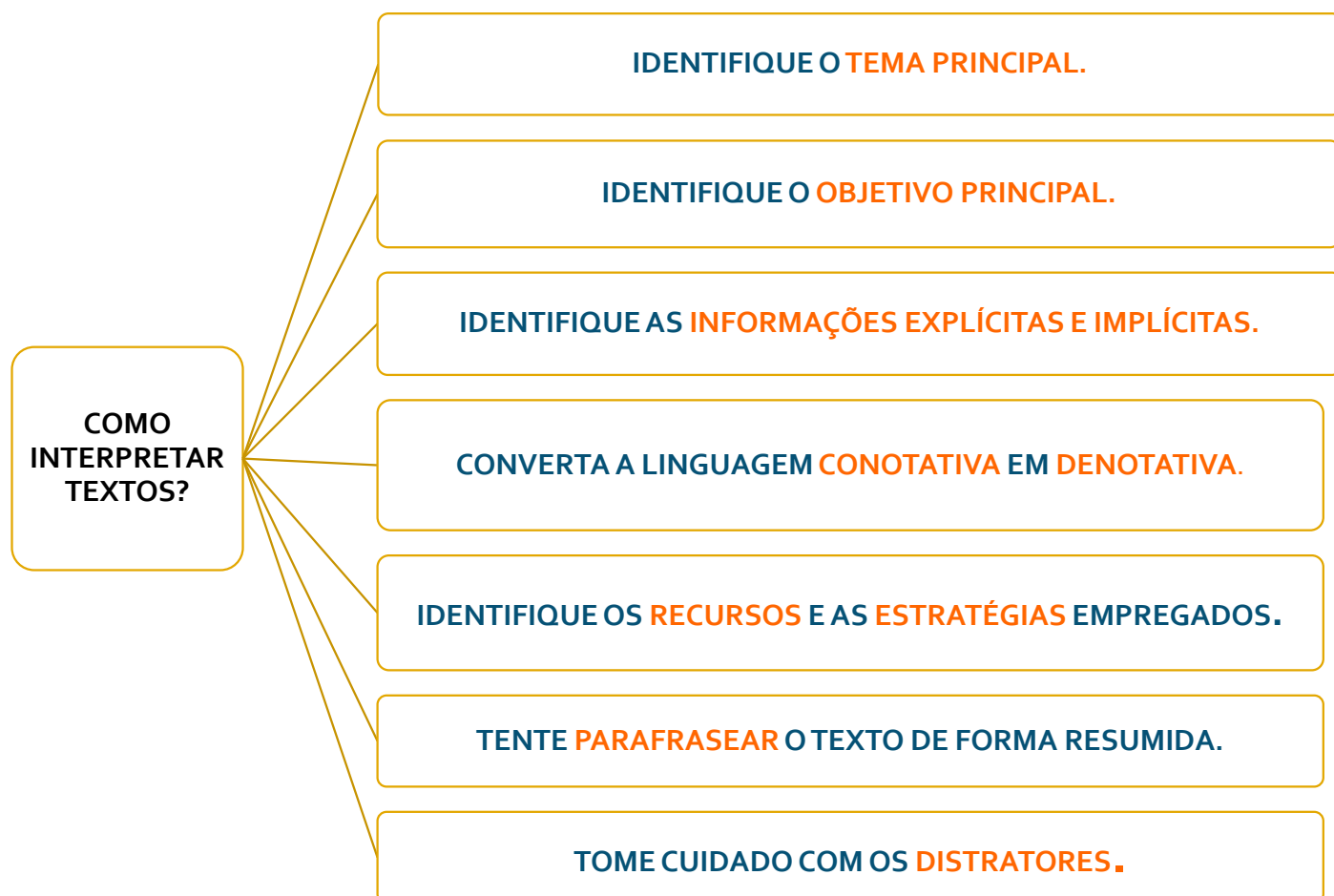
O trecho reproduzido aborda como as empresas de conteúdo devem lidar com as mídias impressas e digitais, visando atingir os diversos públicos e mercados. Sua principal linha de argumentação consiste em:

- a) afirmar que os conteúdos digitais são capazes de atingir um público mais abrangente.
- b) propor a adaptação de conteúdos didáticos para as duas plataformas: impressa e digital.
- c) alertar o leitor de que conteúdos digitais podem ser facilmente modificados.
- d) enfatizar as significativas aceitabilidade e credibilidade dos materiais impressos.
- e) defender a adoção de comunicação predominantemente impressa.

Gabarito

01	D	02	E	03	C	04	A	05	B
06	D	07	B	08	D	09	D	10	B
11	D	12	A	13	D	14	A	15	C
16	C	17	D	18	E	19	C	20	E
21	B	22	E	23	C	24	C	25	B
26	E	27	E	28	A	29	D	30	D
31	E	32	D	33	A	34	C	35	D

Resumo Direcionado



FIM

NÃO DESISTA!

CONTINUE NA DIREÇÃO CERTA!